Julio Dantas

CONTOS

1156/bh2

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.D3
C65

a 00001 64239 7

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

JULIO DANTAS

CONTOS

SOCIEDADE EDITORA
PORTUGAL-BRASIL

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/contos00unse

CONTOS

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 3.ª edição.
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 3.ª edição.
Os galos de Apollo (1921) — 2.ª edição.
Arte de amar (1922) — 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
Eva (1925).
Cartas de Londres (1927) — 2.ª edição.
Diálogos (1928) — 2.ª edição.
Eterno Feminino (1929).

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 3.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 3.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 27.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 5.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 4.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 6.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 3.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 4.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) — 2.ª edição.
A Castro (1920) — 2.ª edição.

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

C

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

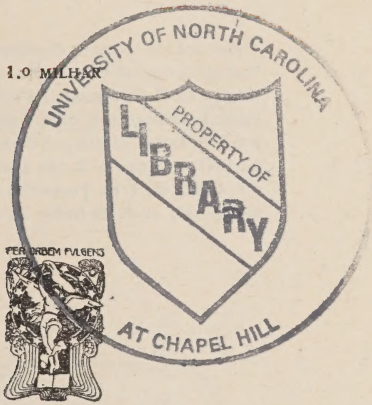
PQ9261
.D3
C65

MVC

CONTOS

1.ª EDIÇÃO

1.º MILHAR



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu também pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

O JULGAMENTO DE EVA

O JULGAMENTO DE EVA

Um dia, o velho Jehovah passou as mãos, reflexivamente, pela longa barba branca, chamou um dos arcanjos, e disse-lhe:

— Tenho ouvido, nestes últimos tempos, dizer muito mal das mulheres. Parece-me que elas são uma das minhas obras menos perfeitas.

— As mulheres são belas, Jehovah!

— São belas na aparência. Entretive-me tanto a aperfeiçoar-lhes o corpo, que não me sobrou tempo para lhes cuidar da alma. Deve ser por isso que elas me estão dando preocupações. Recebi notícias tão desagradáveis, que penso em suprimir na criação êsse ente suplementar e imperfeito que é a mulher.

— Mas como queres tu que os homens nasçam, Jehovah?

— Isso é um pormenor sem importância. Nascem das ondas do mar, dos troncos das florestas, ou do ventre fecundo dos rochedos, como queria um poeta grego que eu li há dois mil e quinhentos anos.

— Mas...

— Em todo o caso, não quero extinguir a mulher tão precipitadamente como a criei. Desejo primeiro ouvir o que me dizem os homens. Se eu tivesse consultado Adão antes de lhe dar uma companheira, talvez Eva não chegasse a nascer. O meu espírito é hoje sensìvelmente propenso às ideas democráticas, e eu julgo de bom conselho apoiar-me no voto das maiorias. Por isso te chamei. Vai da minha parte aos Infernos, procura Plutão, e dize-lhe que eu espero àmanhã, à hora do meio-dia, as almas de todos os sábios, de todos os filósofos e de todos os poetas que, em vida, disseram mal das mulheres. Depois de os ter ouvido, tomarei a minha resolução.

— Eu vou, Jehovah. Mas tu só queres ouvir os que disseram mal?

— Os que não disseram mal delas é porque não as conheceram bem.

— Nesse caso, para que precisas do conselho dos homens, se ninguém as conhece melhor do que tu, que as criaste?

— Sim, fui eu que as criei; mas são os homens que as aturam. Sabes tu, meu amigo, qual é a razão porque eu ainda tenho anjos?

— Não...

— É porque não lhes dei mulheres. Se lhas tivesse dado, não havia hoje no Paraíso senão demónios.

Jehovah riu-se; e emquanto, passando de novo os dedos pela barba branca, o velho Deus meditava profundamente na criação dum mundo mais perfeito, o anjo — um anjo de túnica resplandecente, como aqueles que nós vemos nas pinturas de Frei Angélico e de Huberto Van Eyck — abriu as asas luminosas, e partiu, a caminho do Tártaro e dos Campos Elísios, para cumprir as ordens do seu senhor.

*

No dia seguinte, à hora indicada, Jehovah, sentado no seu trono de ouro maciço, com

a mão direita repousando imperialmente sôbre o mundo, tinha a seus pés uma multidão de sombras humanas, em cujo tumulto se confundiam os tempos, as idades e as civilizações.

Havia ali de tudo. Os poetas e os filósofos gregos, calvos, elegantes, braços nus, amparados a báculos enormes, os pálios caídos em dobras severas como as roupagens das estátuas; os sábios e os estóicos romanos, togados, orgulhosos, rudes, arrastando sandálias grosseiras; os Papas, os cardeais, os arcebispos, os bispos, os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente, os teólogos, os doutores, rutilantes de tiaras, de pontificais, de mitras, de cruzes, de pedras preciosas; os filósofos e os letrados da Renascença, envoltos nas suas murças doutorais; ascetas extáticos e monges intolerantes; reis e *condottieri,* coroados, togados de púrpura, cobertos de ferro e de orgulho, os olhos acesos na febre e na loucura de se supôrem iguais à divindade; os pensadores, os sábios, os poetas modernos, irrequietos, neurasténicos, ansiosos, criadores de humanidades imaginárias e

de contraditórias filosofias; tôda a população confusa que outrora se agitou e viveu no monte Parnaso e nos jardins de Academo, na Ágora de Atenas e no Forum de Roma, nos gimnásios e nas palestras, nas cátedras e nas basílicas, nas Universidades e nos cláustros, em tôda a parte onde os grandes delirantes do pensamento procuraram explicar o homem, o universo e Deus. Jehovah, que os conhecia a todos, olhava-os, sorrindo. Alguns daqueles homens tinham-se odiado e devorado, tinham espalhado em volta de si a discórdia, a devastação e a morte, só porque cada um deles o explicava e o interpretava — a êle, Jehovah — de maneira diferente. Mas, se nenhum conhecera bastante Deus para poder imaginá-lo na sua grandeza infinita, todos tinham conhecido suficientemente a mulher para poder depôr nesse processo sumário de que ia resultar a condenação ou a salvação do sexo. Chamados pela voz dos anjos, vinham chegando, de todos os lados, os inimigos de Eva. A multidão parecia arfar, ondular num mar oscilante de cabeças, onde as mitras, as tiaras, as coroas heráldicas fais-

cavam. Na atmosfera doirada, sôbre a paisagem edénica, revoavam pombas. Jehovah ergueu dois dedos, como nos velhos mosaicos bizantinos em que nos aparece em majestade, e, sempre risonho (Jehovah administra justiça benèvolamente), disse:

— Teólogos e poetas, filósofos e sábios, meus filhos, quero ouvir-vos antes de pronunciar uma sentença que interessa ao género humano. Cada um de vós, cujo espírito nasceu do meu sôpro criador, dir-me há, ao passar por mim, o que em vida pensou das mulheres.

Um longo murmúrio percorreu aquela multidão de sombras. Ergueram-se braços em gestos de prece e de exortação. Papas, patriarcas e bispos, com as mãos descarnadas, fizeram no espaço o sinal da cruz. Doutores veneráveis esconderam a face nas dobras dos capelos vermelhos. Olharam-se, sorrindo, os velhos filósofos de Atenas, como se tivessem visto passar, na Pnyx, com os seus cabelos pintados e as suas cimbéricas amarelas, as mulheres que tornaram bela a nudez grega. Ascetas esquálidos como figuras do

Greco, oravam em silêncio, de mãos postas. Bastara o nome da mulher, pronunciado por Jehovah, para fazer estremecer, num arrepio, tôda aquela população misógina vinda dos Elísios e do Tártaro. Tocaram as trombetas dos anjos. Ouviram-se gritos de pavões. Numa imensa fila, as sombras foram avançando, e as primeiras vozes soaram, claras, no ar cristalino.

— Eu escuto-vos. Falai!

Grandiosos, irónicos, envoltos em pálios de lã, os braços tisnados do sol da Héllade, passaram primeiro os gregos. — «Poderoso Júpiter — disse Eurípides, com a face ainda ensanguentada das dentadas das bacantes — porque permitiste tu que aparecesse, debaixo do sol, um mal tão perigoso como a mulher?» Logo, Sócrates, austero e feio: — «No dia em que eu me julguei igual aos deuses, Xantippo, minha mulher, entornou-me sôbre a cabeça um vaso de imundície». E Platão, elegante, coroado de violetas como um bom ateniense, acrescentou: — «Por isso eu nunca soube se devia incluir a mulher entre os animais racionais, se entre os irracionais». Atrás

da figura de Demosthenes, eloquentemente silencioso, porque não tivera tempo para estudar o seu discurso, viu-se brilhar, como uma lua, a calva risonha de Aristophanes: — «As mulheres que eu fui espreitar às festas de Ceres e de Prosérpina, parecia que tinham os filhos ao colo, e o que elas traziam, debaixo do manto, eram odres de vinho com que se embebedavam!» — «Sabeis — disse Demócrito — porque escolhi para o meu leito uma mulher pequena? Porque, do mal, o menor». — «E sabeis — interveio o sofista Prothagoras — porque razão casei a minha filha com o meu maior inimigo? Porque não tinha nada peor para lhe dar». — «Estudei a obra da criação — concluiu Aristóteles, avançando em largos passos majestosos — e verifiquei que a mulher mais perfeita não passa de um homem imperfeito». Em seguida, no longo cortejo de espectros, surgiram os romanos, — corpos de bronze, gestos soberbos, olhos dominadores. Catão, oitenta anos orgulhosos, uma dobra da toga pretexta de cônsul lançada sôbre a cabeça, foi o primeiro a falar: — «Se as mulheres não existissem, Jú-

piter, vivíamos com os deuses!» E, depois de ter passado tôda a onda dos letrados, dos oradores, dos filósofos, Juvenal, o poeta, bêbado de falerno, trazendo ainda nas mãos a grinalda de rosas do último festim, cantou, cambaleando: — «O que há mais leve do que o fumo? A chama. E do que a chama? O vento. E do que o vento? A mulher. E do que a mulher? Nada».

— Eu ouço-vos. Falai! — repetiu Jehovah, inclinando-se, interessado, para a multidão que passava a seus pés.

Eram já agora os patriarcas, os bispos, os Papas, os doutores da Igreja — os grandes vultos do mundo cristão e do mundo católico — que vinham caminhando, pálidos, curvados, amparados a báculos, arrastando os pesados pluviais, os pontificais roçagantes de brocado de Chipre e de Palermo com que tinham representado na terra a humildade de Christo. Nos seus olhos duros, cruéis, não havia sombra de piedade para as imperfeições e para as fraquezas de Eva. Todos êles — místicos, ascetas e santos — viam na mulher um objecto de terror sagrado. S. João Cri-

sóstomo, arcebispo de Bizâncio, pai da Igreja grega, as vestes manchadas do sangue do seu próprio suplício, levantou a voz potente: — «Senhor, senhor, para que criaste a mulher, se ela é o maior mal do homem?» Atrás dele, gigantesco, mitrado, Santo Agostinho, levantando nas mãos o livro da *Cidade de Deus,* bradava: — «Mulheres, nascer duma, fugir de tôdas!» Passaram, empunhando cruzes, os bispos e os arcebispos que, no concílio de Mâcon, negaram que a mulher tivesse alma; passou S. Cirilo, patriarca de Alexandria, que fez assassinar a bela e gloriosa Hipácia; passou o rude Tertuliano, hirsuto, brutal, verdadeiro estóico do cristianismo, exclamando, de braços erguidos: — «Senhor! Senhor! Ver as mulheres é mau; ouvi-las é peor; tocá-las é horrível!» Santo Ephraím, o maior teólogo da igreja da Síria, que se fingiu doido para não ser bispo, caminhava e dizia, a coxear e a rir: — «Um dia, uma mulher espreitou-me da janela, perguntando — queres alguma coisa, padre? — e eu respondi: quero pedra e cal para tapar essa janela!» Seguia-o S. Cipriano, vestido duma

dalmática doirada, a cabeça branca ao vento, o pescoço nu onde se via o sinal da espada que o degolara: — «Antes sentir o silvo das serpentes, do que ouvir cantar uma mulher!» Num grupo de três Papas, cujas tiaras resplandeciam, S. Dâmaso, pequeno e branco como uma pomba, murmurava: — «Mulher, mulher, porque nasceste tu amarga como a morte?» Desfilavam os teólogos, os homens dos concílios, os exaltados, os iluminados para quem a mulher era a tentação, a expiação, a «tocha do Diabo», a «porta do Inferno», o «veneno do mundo». Rodeado de lôbos, que lhe lambiam mansamente as mãos, S. Boaventura, o doutor seráfico, passou, de olhos no céu, de mãos postas: — «Só o teu hálito, mulher, bastava para corromper todos os cedros do Líbano!» E como Jehovah sorrisse, pensando que, apesar de terem nascido e vivido tantas mulheres no mundo, as florestas do Líbano permaneciam intactas, — S. Gregório Magno, que avançava orgulhoso, magnífico, cercado de cantores e de músicos, refulgente como se o recobrisse uma armadura de ouro, exortou-o, em brados proféti-

cos: — «Senhor! Quando as trombetas soarem no vale de Josephat, não consintas que as mulheres ressuscitem no seu sexo, porque são capazes de fazer apostatar os anjos na presença do próprio Deus!»

— Falai! Falai, meus filhos!

No tropel das sombras, vinham chegando os homens da Renascença e da Reforma, os sábios, os monarcas, os filósofos, os poetas. Quatro séculos de pensamento caminhavam, abraçados, num tumulto ne formas e de côres. Confundiam-se, flutuando ao vento, pálios e auriflamas, capas de monges e arminhos de reis, mantos de Arlequim e púrpuras de cardeal. Como se fosse o próprio retrato de Holbein que se animasse, Erasmo — o homem que exerceu no século XVI a verdadeira ditadura do espírito — passou, lendo em voz alta o *Elogio da Loucura:* — «A mulher é um amável animal que nunca teve o juízo todo». Logo, Rabelais, o cura de Meudon, vermelho, truculento, genial: — «A diferença que faço entre o cavalo e a mulher, é que açoito um com as varas e a outra com a mão». Depois, Milton, cego, tacteando o espaço refulgente:

— «Não há dúvida de que a mulher é o mais belo defeito da natureza». Em seguida, os reis, os príncipes, os grandes senhores: Luís VIII de França, pálido, loiro, casto, envolto no seu manto flordelisado, — o rei que se recusou a receber no seu leito uma mulher, quando os médicos lhe diziam que era a única maneira de se salvar da morte; o infante D. Henrique de Portugal, patriarca das navegações, que morreu virgem para não sofrer o contacto impuro das filhas de Eva; Henrique VIII de Inglaterra, seguido do gordo cardeal Wolsey; Francisco I, dançando, o Tosão-de-Ouro ao pescoço, um pequeno coração de mulher a sangrar na palma da mão: — «*Souvent femme varie, bien fol est qui s'y fie!*». Agora, é Molière que vem, triste, pelo braço de Watteau: — «A mulher é detestável, porque é detestável!» Logo, é Shakespeare, calvo, pelo braço de Bacon: — «Se as lágrimas das mulheres pudessem fecundar a terra, de cada lágrima nasceria uma serpente!» Tilinta uma espada: é Agrippa d'Aubigné, o amigo de Henrique IV de França, casado aos setenta anos: — «Com-

paro as mulheres bonitas àqueles sumptuosos templos egípcios, que são esplêndidos por fora, e que não têm lá dentro senão um gato, um bode ou uma cegonha». Troveja uma voz: é Luthero, perguntando, violento, como na hora em que atirou ao fogo, na praça de Wittenberg, as decretais dos Papas: — «Quem há aí, homem ou Deus, capaz de sustentar que a mulher pertence ao género humano?» — «Por isso — exclamou Talleyrand, soberbo como um pavão azul — eu contestei à mulher o direito à instrução!» Fontenelle, múmia octogenária, avança: — «Há três coisas que eu nunca entendi: a *Bíblia*, a música e as mulheres». Passam os filósofos contemporâneos; passam os artistas; passam os poetas, nas suas românticas capas negras. Schopenhauer queixa-se amargamente a Deus: — «Eu disse um dia que as mulheres eram animais de cabelos compridos e de ideas curtas. Os cabelos já elas cortaram; mas as ideas ficaram mais curtas ainda!» Nietzsche, meio louco, brada: — «O homem descende dos deuses, Senhor, mas a mulher descende do macaco!» Vem Oscar Wilde,

desdenhoso, efeminado, paradoxal, um cravo verde na lapela da casaca: — «O mundo foi feito para os homens e não para as mulheres!» Aparece Heine, irónico, sorrindo: — «Eu nunca soube bem onde acaba a mulher e onde começa o Diabo!» E já na cauda do cortejo imenso, ao lado de Michelet, que afirma: «a mulher é uma perpétua doente»; ao lado de Soren Kirkegaard, que exclama: «a mulher é um êrro de Deus!»; ao lado de Baudelaire, que murmura, entre dentes: «a mulher é natural, e, por isso, abominável», — caminha Strindberg, o grande misógino, desgrenhado, desvairado, espumando ódio, erguendo no ar os punhos convulsos: — «Eu sei-o por mim, Senhor. A mulher é um animal feroz!»

Ouvem-se as últimas palavras dos inimigos de Eva. Percebe-se o eco das últimas vozes. Passam, vagamente, as últimas sombras. Ao longe, a multidão, que se agita, perde-se já, como um formigueiro negro, entre as nuvens. Contrastando com aquele violento libelo dos homens contra a mais bela criatura que saiu das mãos de Deus, a atmosfera edénica, a

atmosfera tranquila, resplandece. Entretanto, Jehovah, mergulhado em profunda meditação, vendo erguer-se o fumo do incenso que lhe arde aos pés em turíbulos de ouro, tem a expressão concentrada e triste de um juiz que vai condenar. Se a mulher era julgada assim pelos seus próprios companheiros, pelos mesmos homens para quem êle a criara como um dom divino, — que lhe restava fazer, senão sacrificar Eva à paz do mundo? Quando o arcanjo lhe perguntou o que resolvia, Jehovah ergueu os seus dois dedos imperiais, e, com uma lentidão que tornava maior ainda a sua majestade salomónica, disse:

— Vai chamar o meu filho.

*

O ar luminoso encheu-se de pombas brancas, que revoavam. Os pavões abriam ao sol os grandes leques de pedrarias coruscantes. Roseiras invisíveis desfolharam-se no espaço, como uma ténue poeira côr de rosa. E, momentos depois, uma voz ao mesmo

tempo doce e forte, harmoniosa e grave, ergueu-se para Deus:

— Pai, aqui estou.

Era um homem de trinta anos, vestido de uma túnica roxa, pálido, da palidez doirada dos nazarenos, com uma ferida em cada mão e sinais sangrentos da coroa de espinhos que outrora lhe cingira a fronte. Trazia pela mão uma mulher de expressão dolorosa, mais velha do que êle, os olhos cansados de chorar, a face macerada de Madona ungida daquela espiritual tristeza que todos os pintores do mundo — o próprio Rafael — procuraram interpretar em vão, e que só um poeta imortal, Jacopone da Todi, pôde traduzir no seu *Stabat Mater*. Jehovah olhou o homem com paternal ternura, e perguntou-lhe:

— Ouviste-os, meu filho?

— Ouvi.

— Parece-te que êles têm razão?

O homem da túnica roxa apontou a suave e dolorosa mulher que caminhava a seu lado, e disse:

— Perdoa-lhes, Senhor. Todos êles se esqueceram de que tiveram mãe.

Na balança da justiça divina pesou mais uma só palavra, do que todo o bronze do libelo dos homens. Jehovah apiedou-se, e a mulher, a mais bela obra de Deus, três vezes sagrada porque é mãe, continuou a viver e a sorrir sôbre a face da terra.

UM BEIJO

UM BEIJO

Só quem já passou um dia de festa longe do país e da família, sòzinho num quarto de hotel duma cidade estrangeira, pode compreender o estado de espírito em que eu me encontrava nessa fria e nevoenta noite de Natal — a mais triste noite que passei em Londres — quando subi ao pequeno quarto do Carlton, à hora do jantar, para vestir a minha *dinner jacket.*

Aqueci-me um momento ao fogão. Abri as fôlhas do último livro de Wells. E depois de ter verificado que o criado não se esquecera de nenhuma das peças da minha *toilette,* postas, com um escrúpulo de simetria verdadeiramente inglês, sôbre o largo édredon de sêda azul, vesti-me, trauteando o «*fascinating rhythm*» de *Lady Be Good,* que, havia uma

semana, não me saía dos ouvidos. Estava aborrecido, nervoso. Não era pròpriamente a vaga nostalgia da pátria que me enervava, mas o sentimento da solidão — da mais terrível das solidões, que é aquela que nós experimentamos no meio de muita gente desconhecida — sentimento que se tornava mais penoso ainda numa noite como aquela, consagrada às alegrias da família e do lar. A idea de que teria de jantar só, completamente só, sentindo, em volta de mim, a ruidosa felicidade dos outros, dispunha-me mal. Cinco vezes fiz e desfiz o laço da gravata, que me parecia cada vez peor. A pérola de um dos botões da camisa soltou-se e desapareceu no tapete felpudo do chão. As pequenas contrariedades do vestuário, que irritam às vezes mais do que as grandes contrariedades da vida, aumentavam o meu nervosismo, a ponto de eu me considerar, naquele momento, o mais desgraçado dos homens. Eram nove horas quando, já vestido e com o *burberry* pelos ombros, me lembrei de pedir, pelo telefone, que me reservassem uma mesa no salão-de-jantar, — o belo e simples salão

do Carlton, célebre na história do mundanismo cosmopolita de Londres. Estavam tôdas tomadas. Pensei ainda em descer ao *grill-room;* mas o *grill-room* era horrível. Lembrei-me, então, do Scott's. Ficava ali perto, em Coventry Street, quási em Piccadilly Circus; e, como não havia música nem se dançava, era possível que tivesse menos gente. Pus o chapéu, acendi um cigarro, e, finalmente, — fui jantar.

Conhecem, de-certo, o Scott's. Mesmo no tôpo de Haymarket Street, o restaurante do sr. Malcolm Sinclair é uma verdadeira sucursal do Oceano, onde, em porcelanas magníficas, se serve aos gulosos internacionais tôda a aristocracia do peixe, do crustáceo e do molusco, desde as *roasted oysters* até à *crab salad,* desde a *lobster mayonnaise* até ao caviar branco da Rússia — manjar de príncipes — que, regado a vodka, me parece tão indigesto como o próprio regime dos sovietes. Restaurante digno de um povo que, na realidade, mantém a supremacia dos mares, o Scott's é, em Londres, uma das mais perfeitas expressões do confôrto e da elegância

inglesa, com os seus Maples severos, a sua sóbria decoração de mogno polido, os seus tectos baixos como os do *dining-room* dum transatlântico, o silêncio dos seus profundos tapetes, o orgulho admirável dos seus criados, que nos servem com a solenidade de arquiduques. Confesso que percorri Haymarket Street pensando — eu, que já conhecia as especialidades da casa — no esplendor salomónico duma lagosta à americana e na delícia dum doirado Sauterne, dêsses que Deus parece ter criado precisamente no momento em que criou as lagostas. Quando cheguei ao Scott's, já me parecia mais suportável a solidão e não me amargava tanto o cigarro. Deixei o chapéu e o *burberry* nas mãos do groom, e subi ao primeiro andar. Havia um leve cheiro de marisco — característico dêste restaurante elegantíssimo — misturado a um perfume doce e penetrante de mulher. Numa atmosfera de oiro fluido, que o fumo levemente embaciava, jantavam ingleses ruivos, risonhos e magros, ao lado de mulheres cujos braços nus, cujos ombros nus pareciam grandes lírios luminosamente brancos, e cujas ca-

beças loiras e pequenas de efebo tinham um ar ao mesmo tempo voluptuoso e insexuado. O *maître d'hôtel* veio imediatamente ao meu encontro, apontando-me uma das mesas livres:

—São duas pessoas, *sir?*

Olhei em volta. Não havia uma única mesa que estivesse ocupada por uma pessoa só. Eram tudo pares felizes que festejavam o seu *Christmas day,* que conversavam alegremente, que trocavam sorrisos cheios de promessas, que, perante a opulenta realidade de uma omelette de ostras, faziam trasbordar o Champanhe das suas taças e a espuma das suas ilusões. Senti—para que escondê-lo?—um inexplicável acanhamento em confessar que a mesa era apenas para mim. Tive vergonha da minha solidão. E sem saber porquê, sem pensar bem no que dizia, respondi ao *maître d'hôtel,* que me olhava, curvado e solícito:

—Sim, duas pessoas. Reserve aquela mesa.

—Para daqui a quanto tempo?

—Dez minutos. Eu volto já.

O groom deu-me o abafo e o chapéu. Em-

quanto descia a escada — a bela escada de mogno polido do Scott's — perguntei a mim mesmo quem seria a pessoa que eu ia sentar à minha mesa. Quando cheguei à porta, tinha tomado uma resolução. Ninguém me conhecia, em Londres. Ia convidar para jantar a primeira mulher interessante que passasse na rua — e que tivesse a condescendência de sorrir para mim.

*

Não há nada mais perigoso, na Inglaterra, do que dirigir a palavra, na rua, a uma mulher. Quando eu, pela primeira vez, cheguei a Londres, um diplomata estrangeiro, meu amigo, julgou oportuno avisar-me: — «Nunca sorria para as mulheres que não sorrirem primeiro para si». Pensei no velho diplomata quando saí a porta do Scott's e me encontrei em Piccadilly Circus, nessa noite húmida e fria de inverno, cujo nevoeiro tornava ainda mais deslumbrante o efeito dos grandes cartazes luminosos. Estava decidido a es-

perar, com exemplar paciência, o sorriso da mulher desconhecida — a mais perturbadora de tôdas as mulheres — que o acaso, obra funesta do Diabo, havia de sentar, daí a pouco, à minha mesa.

Quem conhece Londres, sabe que o trânsito em Piccadilly Circus, ao comêço da noite, é particularmente difícil. A entrada para os teatros — todos, mais ou menos, ali em volta, em Leicester Square, na Shaftesbury Avenue, em Haymarket Street — dá lugar a um movimento incessante de automóveis, que a custo abrem caminho através da multidão compacta. Por isso Londres é a cidade dos atropelamentos, apesar de possuir uma excelente polícia de trânsito, cujo serviço — dizia-me, com perfeita convicção, um inglês ilustre, almoçando comigo no Embassy Club — «reduz o número dos desastres à insignificante cifra de vinte e sete mil por ano». Nessa noite, porém, como não havia teatros, circulava-se melhor. Ingleses da *gentry*, o chapéu alto para a nuca, as abas da casaca oscilando ao ritmo das suas largas passadas (sem abafos, com aquele frio!), marchavam,

a caminho dos restaurantes elegantes, ao lado de *professional beauties* loiras, decotadas, em cabelo, as peliças abertas deixando entrever os vestidos laminados de oiro e de prata, tão queridos das inglesas. Perto de mim, um velho mendigo fazia gemer um violino lamentoso. Contavam-se as mulheres que passavam sòzinhas. Cheguei mesmo a convencer-me de que, verdadeiramente sós, não havia nesse momento em Londres senão duas pessoas: eu e o mendigo que tocava rabeca na rua. Fingi que não compreendia alguns sorrisos demasiado fáceis que passaram ao alcance da minha mão, e já começava a pensar, com fundadas razões, que as mulheres bonitas de Londres tinham ficado tôdas em casa, — quando uma mulher alta, grandiosa, escultural, magnífica, envolvida numa capa negra, surgiu de Piccadilly Circus, ao clarão ofuscante dos cartazes eléctricos, com todo o imperioso prestígio do mistério e da sombra. Tive exactamente a impressão de que a célebre figura do quadro de Gerald Kelly, *Jane XXV* — maravilha da pintura inglesa contemporânea, que eu admirara, dias an-

tes, em Burlington Palace — avançava, ondulando, ao meu encontro, como uma rítmica, uma musical pincelada negra. Há mulheres que só nos perturbam quando se acercam de nós; e outras que, logo a distância, começam a perturbar-nos. Bastou-me ver de longe essa singular criatura — que eu não sabia ainda se seria ou não bela — para pensar, com certa emoção, no prazer de a ter alguns momentos ao meu lado.

— Se ela sorrisse para mim!

Á medida que a desconhecida se aproximava, com a imponente serenidade da Diana do Louvre que se tivesse envolvido numa capa romântica, eu ia podendo admirar o extravagante encanto dessa mulher, que me pareceu, a princípio, uma americana ou uma francesa. Era fina, distinta, esbelta, loira; caminhava apoiada a uma delicada bengala — um dos atributos das bolchevistas do sexo — que lhe tornava as atitudes mais solenes e mais firmes; as linhas flexuosas do seu corpo tinham, no jôgo dos movimentos da marcha, a harmonia dum baixo-relêvo florentino. Quando chegou à distância de três

ou quatro passos, levantou um pouco a cabeça, e a luz dum cartaz bateu-lhe em cheio na face. A impressão que a sua beleza produziu em mim — beleza clássica, olímpica, um pouco fria, sem dúvida prejudicada pela depilação das sobrancelhas e pela pintura da bôca — foi tão viva, que, ao vê-la passar, majestosa, na minha frente, eu levei, sem saber bem porquê, a mão ao chapéu. O meu gesto atraiu-lhe a atenção, e a bela desconhecida olhou-me, numa expressão de interrogativa estranheza. Um automóvel, que passava, obrigou-a a parar. Fitei-a insistentemente: lançou-me um olhar severo. Voltei a fitá-la: e, emfim, sorriu. Que sorriso era aquele, e que mulher era aquela? Um sorriso sem intenção, simplesmente benévolo? O sorriso equívoco duma conquista fácil? Não compreendi bem, nem isso, na verdade, tinha para mim um grande interêsse. Era um sorriso que — segundo o meu amigo diplomata — me autorizava a dirigir a palavra a essa mulher; um sorriso fino e inteligente, que me permitia alimentar a esperança de não jantar sòzinho na noite de Natal.

— Dá-me licença, minha senhora?

É sempre com um certo constrangimento que um homem bem educado — sobretudo quando não tem o hábito dêsse género de aventuras — se dirige na rua a uma senhora que não conhece. Apesar de ter praticado na vida audácias maiores do que aquela (nem eu sabia, mesmo, a que espécie de mulher falava!) os lábios tremiam-me e a minha perturbação era, com certeza, evidente, porque a orgulhosa mulher da bengala, depois de um primeiro movimento de hostilidade, começou a rir-se francamente para mim. Disse-lhe, em poucas palavras, o que pretendia. Era um estrangeiro, encontrava-me em Londres havia poucas semanas, e custava-me jantar abandonado e sòzinho nesse dia consagrado às alegrias da família. A mesa fria do Scott's metera-me mêdo. Tôda a gente, naquela noite, tinha junto de si um sorriso carinhoso, um olhar amigo, umas mãos fiéis que podia apertar nas suas. Quereria ela — generosa como tôdas as mulheres — sentar-se durante alguns minutos à minha mesa, dando-me a ilusão de que eu

não estava em Londres completamente só? A interessante mulher continuou a rir, num riso aberto e simples de grande criança — que maravilhosos dentes, regulares e pusos como um minúsculo teclado de marfim! — viu as horas num relógio de diamantes que lhe cingia o pulso, e disse, no inglês especialmente doce das canadianas:

— Disponho de quarenta minutos. Costuma jantar depressa?

— Ao pé duma mulher bela, janto sempre devagar.

— Então, basta meia hora...

Quando lhe dei o braço, para subirmos juntos a escada do Scott's, não sabia ainda quem ela era; mas tinha a certeza de que estava em presença duma mulher de espírito.

*

Daí a alguns minutos, sentávamo-nos a uma das mesas da pequena sala da esquerda, diante duma janela donde se avistava Hay-

market Street com tôdas as luzes dos seus cinemas e dos seus teatros.

A minha acidental companheira de meia hora, perfeitamente à vontade, tirou o chapéu, descalçou as luvas. Pude, então, vê-la melhor. Devia ser uma mulher de trinta e cinco anos, distinta a julgar pelas mãos admiràvelmente tratadas, e com certeza rica, porque nos seus dedos cheios de anéis havia algumas jóias preciosas. Tinha o desembaraço e a espontaneidade de movimentos das *girls* americanas. O cabelo loiro cendrado, inverosìmilmente fino, dava a impressão macia da sêda; e, apesar de Maria Bahskirtseff ter dito que «Deus escolhe as peores peles para cobrir o nariz das mulheres», a pele dessa mulher, sobretudo a do nariz e a das faces, duma delicadeza e duma frescura surpreendentes, apresentava, ao mesmo tempo, os tons vagamente azulados de certos mármores e o aveludado quente da polpa de certos frutos. Impressionou-me, desde logo, a mobilidade do seu olhar e a desigualdade cromática das íris, uma cinzenta, dum cinzento granulado e fino de cinza de cigarro, outra

dum amarelo doirado de âmbar, e ambas mudando de tom com a incidência mais ou menos oblíqua da luz. A bôca, mal pintada, *bouche en coeur,* bôca de Pierrot italiano, mesmo quando não tivesse a beleza da forma, tinha com certeza a da expressão, subtil, inteligente, irónica. Mistress Rose Barrow — era o seu nome — conversava, não direi com vivacidade, mas com graça; e, sobretudo, com uma discreção, uma elegância, um sentimento das proporções, uma sciência das oportunidades, que denunciavam a mulher habituada ao convívio do mundo. Ela própria — que já jantara — escolheu o seu *menu:* um vermouth-cocktail, para começar; um *plum pudding au feu de joie,* para acompanhar o Champanhe — Mumm, *cordon rouge* — com que saudaria «o estrangeiro sentimental que tinha tido mêdo de jantar só». Falámos de tudo e de nada: das estrêlas de cinema; da lei sêca americana; do horror de Bernard Shaw pelas modas femininas modernas; da tentativa de suicídio de Isadora Duncan, que caminhara para o oceano, numa noite de luar, envolvida numa grande capa

vermelha; da pintura inglesa; da música russa; do trajo inventado por lady Archie Campbell para as futuras núpcias em avião, no anno de 1970; — e eu ouvia-a, senão encantado, pelo menos interessado, observando a distinção dos seus gestos, as transformações da sua fisionomia, o loiro infantil do seu cabelo, emquanto, no grande relógio da sala, passavam, fugitivos, os minutos que aquela singular mulher me concedera. Mrs. Barrow vinha tão perfumada, que todo o jantar me soube a Coty; pôs tantas vezes pó de arroz, que uma ténue nuvem branca pairava sôbre a minha *mayonnaise* de lagosta. Quando o criado abriu o Champanhe e eu agradeci à bela desconhecida a companhia deliciosa que me fizera, ela sorriu, baixou os olhos e pediu-me que levantasse a minha taça à saude do marido e do filho.

— É casada? — perguntei, para dizer alguma coisa.

— Como tôdas as mulheres que teem marido.

— Nem tôdas. Seu marido, naturalmente, espera-a a estas horas.

— Não. Meu marido está longe, no Canadá. Eu vim a Londres tratar da herança de minha mãe.

— Ah!

— Mas tenho um homem à minha espera.

— Um homem?

— Um homem de dois anos. O meu filho...

Já alguém observou — creio que foi Remy de Gourmont — que, por mais impassível, por mais dura, por mais satânica que seja a expressão duma mulher, ela transfigura-se quando fala dum filho, especialmente quando êsse filho é uma criança. Uma estranha suavidade inundou o rosto de mrs. Rose Barrow; e quando eu levantei a taça saudando o pequenito, as suas mãos tremeram e os olhos embaciaram-se-lhe de lágrimas. Não era a fria mãe inglesa, que eu tinha diante de mim; era a sentimental mãe americana, capaz de todos os heroísmos e de tôdas as ternuras. A espuma do Champanhe trasbordou das nossas taças. Acendemos os cigarros. E, quando o fumo do seu abdulla subiu no ar, a bela canadiana, olhando de novo o relógio de dia-

mantes que lhe apertava o pulso, murmurou, num sorriso:

— Já passaram duas meias horas...

— Neste momento, mrs. Rose?

— Só posso dar-lhe o tempo que durar o meu cigarro...

— Que pena ser um cigarro tão pequeno!

*

Emquanto lhe colocava nos ombros a sua grande capa negra, pedi a mrs. Rose Barrow licença para a acompanhar, num táxi, até casa.

O groom correu a buscar um automóvel, e, daí a pouco, nós seguíamos a caminho de Portland Place, onde a minha acidental e encantadora companheira vivia num *flat* elegante, com o filhinho e a *chambermaid* canadiana. Sentado ao lado dessa mulher admirável, na sombra profunda de um carro — os enormes táxis de Londres... — eu senti mais vivamente o perfume da sua carne, a

vertigem do seu contacto, e, pela primeira vez desde que nos tínhamos encontrado, duvidei de poder manter, junto dela, a serenidade e a delicadeza necessárias. O coração batia-me, apressado; passavam-me relâmpagos pelos olhos. O silêncio de constrangimento, que entre nós sùbitamente se fêz, ainda tornou maior a minha perturbação. Cada candieiro, cada montra iluminada por onde passávamos projectava sôbre o perfil dessa mulher, que a sombra da capa e da aba negra do chapéu tornava ainda mais doirado, mais sensual e mais quente, um clarão que me excitava. Tomei-lhe a mão, que ela abandonara sôbre a almofada do carro, e ao contacto voluptuoso da sua pele, como uma carícia de sêda húmida e de joias frias, um arrepio percorreu-me o corpo. A maravilhosa criatura adivinhou o instante preciso em que eu ia beijá-la — as mulheres sabem, muito antes de nós próprios, o que nós pensamos e sentimos a seu respeito — e deteve-me, num movimento delicado e cheio de dignidade:

— Não estrague num momento a boa impressão que me deixou numa hora...

— Nem sequer um beijo?

— Creio que não foi isso que me pediu, quando me dirigiu a palavra em Coventry Street.

— Temos, então, de nos separar como dois indiferentes?

— E o que somos nós?

Uma inglesa ou uma *yankee,* mais ou menos habituadas a conjugar o verbo *to spoon,* não teriam pôsto grande dificuldade — mesmo que fossem honestas — nesse ligeiro e inofensivo contacto de duas sensibilidades. As canadianas, porém, são diferentes, e a atitude polida, mas glacial, de mrs. Barrow convenceu-me de que ela não estava disposta a nenhuma espécie de concessões. Quando atravessámos Oxford Circus, resplandecente de montras iluminadas, o silêncio estabeleceu-se entre nós, — um silêncio que era nela de defesa, e em mim de despeito. Uns minutos mais, e o automóvel parou diante de um palacete de Portland Place, cujo largo portão de grades estava aberto. Através de um guarda-vento de vidraças, via-se um *hall* elegante, atapetado de vermelho, em cujas pa-

redes havia quadros. Era ali o *flat* de mrs. Rose Barrow. Apeámo-nos. Quando eu ia a despedir-me da bela mulher que, afinal de contas, fôra tôda a alegria e todo o encanto do meu jantar de Natal, uma velha *chambermaid,* com uma criança ao colo, assomou às vidraças do guarda-vento. A escultural canadiana sorriu, e emquanto a criança — um *baby* de cabelos quási brancos, rosado como um Amor da pintura flamenga — estendia, de longe, os braços para ela, disse-me, apertando-me a mão entre as suas:

— Tem muito interêsse em levar do nosso encontro a recordação de um beijo?

— Ainda mo pregunta?

Mrs. Rose Barrow correu a buscar o pequeno, e trouxe-mo, risonha, radiante no seu orgulho de mãe:

— Então, beije o meu filho...

Quando, nesse mesmo automóvel, regressei ao Carlton, ia contente comigo. Dessa noite de Natal — triste Natal de Londres! — ficava-me como recordação, para tôda a vida, o beijo inocente duma criança.

OS TRÊS ESPELHOS

OS TRÊS ESPELHOS

No depósito de móveis dum antiquário, os espelhos de três velhos tremós, lampejando na penumbra, conversavam, em voz baixa. Só eu os entendia, porque me tenho habituado, nestes últimos tempos, a ouvir o que dizem as coisas inanimadas e silenciosas. Um dos tremós era uma admirável peça Luís XVI, de talha doirada delicadamente esculpida em grinaldas de rosas, com o seu espelho alto e esguio, um pouco gasto, de cujo frontão nos sorria, num fundo azul de bosque, «*une petite maîtresse en robe de lilas tendre*», de-certo tocada pela graça dalgum mestre-pintor da escola de Le Clerc ou de Saint-Aubin. Bastava olhá-lo, para se ver que fôra feito e comprado para os aposentos duma mulher bonita. O segundo tremó, mais pequeno — um toucador Pompadour — era ligeiro como

uma aranha de ouro, galante como uma anedota de Casanova: no seu espelho oval, onde mal caberiam juntos dois seios virginais, vislumbravam-se ainda formas, imagens, cabeleiras brancas, bôcas sorrindo, braços enlaçando-se, frementes, por entre uma revoada de Amores, de Boucher. O terceiro, emfim, era um tremó Império, grave, triste, acaju e bronze, em cujo cristal nós esperávamos ver surgir, a cada momento, a túnica branca de Madame de Récamier ou o pequeno tricórnio negro de Napoleão. Os três espelhos contavam, uns aos outros, histórias do passado distante. Eu ouvi a conversa, còmodamente instalado num largo *fauteuil* de tapeçaria, — e, emquanto os escutava, pensei, seguindo o fumo azul do meu cigarro, que há criaturas humanas com muito menos coração do que êstes três espelhos.

*

O primeiro a falar foi o espelho do tremó Pompadour:

— Quando me compraram em França —

disse êle — e me trouxeram para Portugal, há século e meio, nos bons tempos em que se empoavam os cabelos, fui para casa dos marqueses de Alegrete e puseram-me na sala de música, entre duas janelas. Os marqueses tinham uma filha, menina de doze anos, que nessa occasião estava aprendendo a tocar cravo. A mestra era velha, morreu, e os fidalgos tomaram outra, uma menina também, nobre mas desamparada da fortuna, que tocava como Santa Cecília, e a quem Deus dera, sôbre tôdas as suas desventuras, a de ser cega de nascença. Quando ela chegou ao palácio para dar a primeira lição à sua jovem discípula — ainda entretida a brincar no jardim — conduziram-na à sala de música, onde eu me encontrava, de costas para a luz, triste como todos os espelhos que não vêem o céu. Foi um deslumbramento a sua entrada, pela mão duma criada grave, ao bater das duas horas no velho relógio holandês. Nunca — nem nos meus tempos de França! — o cristal de que sou feito reflectiu uma beleza assim. Dezasseis anos, loira, graciosa, melancólica, tinha a candura e a nobreza de um lírio real,

um andar delicado e tímido de pomba, um sorriso de Madona adolescente, e uns olhos azuis tão grandes, tão límpidos, tão luminosos, que ninguém diria que ela era cega. — «Que pena, ser tão bonita e não poder ver-se ao espelho!» — disse a aia, parando diante de mim, a compôr a touca de rendas. — «O espelho onde está?» — perguntou a cega. — «Aqui». A outra guiou-a, e a pobrezinha, cega como o Amor, estendendo as suas mãos brancas e pequenas, palpando-me, acariciando-me, murmurou: — «Para que preciso eu de espelhos, se não vejo?» Sentaram-se as duas. Conversaram. Daí a pouco, a aia foi chamar a menina para a lição, e deixou a cega sòzinha, sentada ao cravo, tocando um motete de Haydn, tão triste como ela. Um perfume quente de roseiras entrava pelas janelas entre-abertas. Com que voluptuosidade nós sentimos a asa leve de todos os aromas roçar a nossa epiderme de vidro, — e que pena temos, nós outros, os espelhos, que reflectimos a forma e a côr, de não poder reflectir também o perfume! Fiquei, no meu clarão carinhoso, a acompanhar aquela criança. Nisto, deixou

de ouvir-se a música, e a cega levantou-se. Nos seus olhos parados, ansiosos, muito abertos, alguma coisa de luminoso brilhava: eram duas lágrimas. Porque choraria ela? Fixei, numa scintilação do meu cristal, aquelas duas lágrimas imóveis, e pensei, com tristeza, que Deus tinha sido injusto criando uns olhos tão belos — apenas para chorar. De repente, vi a cega caminhar ao meu encontro, com os braços estendidos. Deus do céu! Que quereria de mim aquela criança? Avançou, tacteando, tremendo, até me tocar. Porque a atraía eu — pobre cega! — se a minha claridade era inútil para ela, e se, por mais resplandecente que eu fosse, nunca poderia revelar-lhe a sua formosura? Ao tocar-me, ao sentir nas mãos o frio do cristal, aproximou de mim a cabeça loira de deusa, abriu muito os olhos, fitou-me, como a procurar na sua treva um pouco da minha luz, e embaciando-me com o seu hálito, molhando-me com as suas lágrimas, gemeu, balbuciou, soluçou, num desespêro: — «Eu quero ver! Eu quero ver!» Como eu desejei, nesse momento, dar a luz dos olhos àquela desventurada criança, condenada a

ignorar para sempre a sua própria beleza! Mas eu não tinha poder para dar-lhe o que o destino lhe negara; nem mesmo tive braços para a amparar quando ela caiu desmaiada; e compadeci-me tanto, e sofri tanto nessa longa noite, que nem eu sabia já se as lágrimas, que me orvalhavam, tinham sido choradas por ela ou por mim...

*

Foi o espelho Luís XVI que em seguida falou. E disse:

— Entretanto — quem sabe? — talvez seja melhor não ver. Nós, os espelhos, temos a desgraça de não saber mentir, de dizer sempre a verdade, — e quantas vezes a verdade é triste! Como é doloroso confessar a uma mulher bonita: «tu envelheces!» E como é confrangedor ter de dizer a um velho que nós conhecemos, noutro tempo, moço e gentil: «não procures em mim a tua imagem de há trinta anos, porque eu já não posso resti-

tuir-ta!» Mesmo quando a verdade que nós dizemos parece lisongeira, o mal que ela faz! Quantas vezes esta simples revelação — «tu és bela!» — perturba a alma cândida duma mulher! O primeiro veneno da inocência é o lampejo do primeiro espelho em que ela se olhou. As mulheres talvez fossem mais felizes se nós não existíssemos, porque ignoravam o seu poder de sedução. Nunca me esquecerei — e já se passou mais de um século! — do que sucedeu a sóror Violante de Jesus Maria, que acompanhou a velha Abadessa a tomar ares na quinta do Conde mordomo-mór. Sóror Violante, uma engeitada recolhida pelas freiras claristas, completara vinte anos; e, criada no convento, não sabia nada do mundo. Branca, alta, forte, com um corpo escultural que se adivinhava nas dobras do hábito de estamenha, uns olhos lânguidos que pareciam dois diamantes sôbre um pedaço de veludo negro, não tinha a noção perfeita da sua beleza, porque nunca se olhara a um espelho, e só conhecia a sua imagem de a ver reflectida, ente flores, na água azul do tanque do cláustro. As camas

de ambas as freiras foram armadas precisamente na sala onde eu me encontrava, colocado, como tu, no vão de duas janelas. — «Quem virá dormir aqui?» — perguntava eu a mim mesmo, com a curiosidade de todos os espelhos. Á noite, as criadas acenderam os candelabros de prata, cobriram os leitos com duas grandes colchas de sêda amarela, levaram as flores, — e eu, concentrando em mim, num lampejo, tôda a luz da pequena sala, fiquei à espera, a ver quem entrava. Não esperei muito tempo. Daí a nada, a porta abriu-se, assomou a velha Abadessa, e, atrás dela, sóror Violante de Jesus, que eu não conhecia ainda e cuja formosura me assombrou. Já tinha visto deitar-se uma noiva; ia agora — e com que alvorôço! — ver deitar-se uma freira. Daí a pouco, a velha prelada dormia, e sóror Violante, que rezara durante quási meia hora, ajoelhada junto do leito, começou lentamente a despir-se. Caiu-lhe aos pés o véu, a toalha que lhe emmoldurava a face, o escapulário, o hábito branco de carmelita, por fim a ligeira tunicela branca, como um floco de neve, — e um corpo rosado e

forte de Vénus veneziana surgiu, na mais casta, na mais serena expressão de candura e de inocência, que pode revestir o pudor duma mulher. O cristal de que sou feito, ao reflectir aquela imagem virginal, acendeu-se num clarão côr de rosa. Senti, ao fixá-la, todo o prestígio, todo o inexprimível encanto da beleza tímida que se ignora, que desconhece o seu poder, e que nem ainda se revelou a si mesma. Em movimentos de ave friorenta, sóror Violante ia aninhar-se no leito, quando se lembrou de que tinha de apagar as velas que ardiam nos candelabros de prata. Aproximou-se de mim; e, de repente, ela, que nunca se olhara a um espelho, viu a sua nudez maravilhosa reflectida no meu cristal. A primeira impressão que teve, foi de que outra mulher a surpreendera e caminhava ao seu encontro. Num gesto de instintivo pudor, defendeu-se cruzando os braços sôbre o seio. Mas a imagem que ela via, imitou-a; e a pobre freira, deslumbrada pela súbita revelação da sua beleza, compreendeu que aquela mulher diabòlicamente nua, que caminhava para ela, — era ela própria. O mal que eu,

sem querer, lhe fiz nesse instante! O mundo de coisas profanas, adormecido ainda, que eu fui despertar na alma dessa espôsa-virgem do Senhor, que só era irmã dos anjos e das pombas porque desconhecia o seu poder de sedução! Tempo depois, terminada a licença do provincial da Ordem, as duas monjas voltaram para a sua casa monástica. Floria a primavera. Certa noite, em que o hálito quente das magnólias em flor embalsamava o jardim do cláustro, os sinos, de repente, tocaram a rebate. Fugira uma freira do convento. Era sóror Violante de Jesus.

*

O último a falar foi o espelho Império. Disse êle, na sua voz lenta e triste:

— Peores do que as verdades que perturbam, meu amigo, são as mentiras que matam. Nós, os espelhos, também mentimos. A nódoa sangrenta que, durante alguns dias, embaciou o meu cristal, proveio da ilusão que eu

creei num pequeno ser, e que foi também — ai de mim! — a minha própria ilusão. Vou contar-lhes a história dêsses três salpicos vermelhos, tão tristes como se fossem lágrimas de sangue que eu tivesse chorado. Durante alguns anos — há quanto tempo isso vai! — eu vivi na sala de um antigo solar da província, que os fidalgos deixaram para se instalar em Lisboa, sala Império, forrada de de sêda verde já desbotada, de encontro à qual pareciam ainda mais pesados e mais melancólicos os velhos tremós e os velhos canapés de acaju e bronze cinzelado. Mas, em vez de eu estar como vocês, de costas para a luz, no vão de duas janelas, encontrava-me em frente da grande janela que deita para o terraço e por cujo peitoril trepavam alegremente, na primavera, as roseiras bravas. Não calculam vocês, espelhos habituados à penumbra limitada e triste dos interiores, o orgulho com que eu reflectia o céu azul, as nuvens ligeiras, a opulência dos grandes poentes de verão, que pareciam mantos de púrpura arrastando sôbre mosaicos doirados, as noites de luar, a scintilação

das estrêlas, o sortilégio das coisas longínquas, dos horizontes distantes e dos espaços misteriosos! Na minha ilusão, imaginei-me tão grande como a imensidade que se reflectia em mim, e cheguei a supôr que nos meus três palmos de cristal cabia o infinito. Pobre vaidade a nossa (vaidade de espelho!) feita das maiores mentiras, — a mentira da luz, a mentira da profundidade, a mentira do espaço! Durante muitos anos, emquanto o palácio esteve abandonado, os únicos entes vivos abrangidos na minha órbita luminosa eram os pardais que brincavam no terraço fronteiro, e que eu via, através das vidraças da janela, revoando, pipilando, beijando-se, saltitando alegremente sôbre as roseiras em flor. O meu único divertimento eram êles; eram êles, na minha ilusória imensidade, o único frémito de vida. Já os conhecia a todos; entretinha-me a seguir-lhes os movimentos, a admirar a graça com que êles poisavam, tão de leve que as próprias rosas pareciam não sentir o seu pêso; e muitas vezes os surpreendia a olhar-me, a espreitar-me, de asas frementes, na ilusão de que

viam outro céu, outro espaço infinito para voar. Um dia, os fidalgos voltaram. Encheram-se de gente as salas abandonadas. O lume crepitou nos fogões. Abriram-se, em festa, tôdas as janelas do palácio. Mal eu tivera tempo de respirar o hálito perfumado da manhã, duas ou três das avesitas, enganadas, atraídas pelo céu azul que viam reflectido em mim, voaram loucamente ao meu encontro. Pobres delas! Duas ainda puderam conhecer o seu engano e voltaram, num revôo incerto, para o ninho. A outra, mais veloz ou menos atenta, bateu em cheio no cristal e caiu morta. Compreendi então — e, nisso, pareço-me com muitos homens — que a imensidade, de que eu me orgulhei tanto, não passava duma ilusão criada pelo meu espírito.

SE HÁ FILHOS, NÃO!

SE HÁ FILHOS, NÃO!

Uma destas manhãs, quando eu, relendo o pacto Briand-Kellogg, pensava no delírio do velho Trygeu da comédia grega, que, montado no seu escaravelho de oiro, veio oferecer a paz ao mundo, — a campainha do meu telefone retiniu pela terceira vez. Era o engenheiro Paulo da Nóbrega, meu velho amigo — a quem morrera havia três meses uma filhinha — que me convidava para almoçar com êle, no dia seguinte, na sua casa de Cascais. Como eu hesitasse na resposta, êle acudiu logo, numa voz que me pareceu menos velada e menos triste que de costume:

— Não pode deixar de ser. Preciso de ti.

— Está bem. A que horas?

— Almoçamos à uma. Mas tens de cá estar ao meio-dia.

— Para quê?

— Depois saberás. É surpresa. Posso contar comtigo?

— Podes. Até àmanhã.

Pousei o auscultador, perguntando a mim mesmo que novo incidente teria surgido na existência do pobre Paulo da Nóbrega, excelente rapaz, duma sensibilidade fina e delicada, cujas qualidades morais e cujos meios de fortuna lhe permitiriam ser um homem invejàvelmente feliz, se não tivesse vindo ao mundo, como tantas pessoas que eu conheço, fadado para o singular destino de complicar a vida, — a sua e a dos outros. A felicidade só se obtém por processos de simplificação, usando dêsse natural espírito de benevolência e de tolerância amável que nos leva a aceitar os homens (e, com mais razão, as mulheres) como êles na realidade são, e não como nós desejaríamos que êles fossem. Ser feliz é saber transigir; é, quási sempre, saber perdoar, quando se perdoa com elevação e com dignidade; e Paulo da Nóbrega, educado pela mãe inglesa na paixão do dever e no culto intransigente da perfeição moral,

mas, ao mesmo tempo, demasiado sensível e demasiado fraco para poder manter as suas atitudes, criava a cada passo, na sua vida íntima, situações de conflito — com os outros e consigo próprio — que o tornavam profundamente desgraçado. O suicídio duma das suas amantes, a italiana Nina Poleri; os pormenores infelizes do seu casamento com a encantadora Ester Navarro, filha dum judeu relojoeiro de Lisboa, morena escultural de olhos verdes, um dos mais extraordinários tipos de mulher que eu tenho conhecido; o seu divórcio, depois de seis anos de uma vida difícil e tormentosa; as circunstâncias em que, passado pouco tempo, afastara de si a filha, única família que lhe restava; a morte da pobre criança, duma poliomielite infantil, num colégio de Londres; e, por fim, a solidão em que êle vivia agora, na velha casa de Cascais, entre as roseiras dos seus jardins e os livros da sua biblioteca,—tinham sido e eram ainda, pelo menos em grande parte, consequências da invencível tendência de Paulo da Nóbrega para azedar e complicar a vida. E o mais grave, para quem se

aproximava dêle, era que o pobre Paulo não se limitava a criar os seus dramas íntimos; procurava, pela necessidade de um apoio moral, envolver nesses dramas os seus melhores amigos. Uma das suas vítimas tinha sido eu. Foi pensando nas horas amargas, quási aflitivas, por mim vividas durante duas das mais terríveis crises sentimentais do meu amigo — a do seu divórcio e a do suicídio da italiana com uma bala no ventre — que eu perguntei a mim próprio, ao receber o misterioso convite de Paulo da Nóbrega:

— Que nova complicação teremos agora?

No dia seguinte, às onze horas, já eu ia, no combóio, a caminho de Cascais. Estava uma manhã refulgente. Durante os primeiros cinco minutos de viagem entretive-me a olhar o Tejo, a scintilação do rio, o friso verde das montanhas da Outra-Banda, a majestade dum paquete holandês que vinha entrando — devia ser o *Gelria* — seguido dum formigueiro doirado de escaleres e de gasolinas. Durante outros cinco minutos observei — com certa curiosidade, confesso — uma rapariga alemã sentada na minha frente, belo animal loiro,

roliço e risonho, que podia ter servido de modêlo para as «mulheres no banho», de Dürer, e cujos seios redondos, adivinhando-se na transparência do vestido branco, me fizeram lembrar a frase imortal de Gavarni: «*on voit que cet être est fait pour être pris avec les mains*». Depois, como não havia mais nada interessante à minha volta, abri o *Temps* para ler as últimas notícias do estrangeiro. Mas os olhos semicerravam-se-me, fatigados daquela atmosfera excessivamente luminosa; tornei a dobrar o jornal, recostei-me, e emquanto ao meu lado, a tôda a velocidade do tramway, passavam as casas, as árvores, os postes telegráficos, — fiquei pensando na tristeza do almôço que me esperava, na solidão da velha casa de Cascais, sentado à mesma mesa onde, alguns meses antes, havia risos e flores, e onde agora o pobre Paulo da Nóbrega ia receber-me sòzinho, neurasténico, vestido de luto, entre duas cadeiras para sempre vazias, — a da mulher que o deixara e a da filha que lhe morrera. Nem êle calculava, de-certo, o sacrifício que eu fazia em voltar ali. É sempre penoso ver

desfeito um lar que nós conhecemos alegre e feliz, sobretudo quando a êsse lar nos prendem recordações de afectuosa intimidade. Para mim, que tão perto vivera daquela família, que tinha sido o amigo íntimo, o confidente desinteressado, não apenas de Paulo, mas da encantadora Ester — tão nobre, tão orgulhosa, tão digna no seu infortúnio! — aquela casa era um túmulo, e nas cinzas dêsse túmulo havia um pouco do meu coração. Tudo ali me falava dela, das horas de respeitosa convivência que tinha passado a seu lado: o *Steinway* em que ela tocava, com infinita expressão, a «Torrente do Cáucaso», de Liapunoff; o monte de almofadas onde ela gostava de aninhar o seu corpo admirável de walkyria friorenta; os espelhos em cuja alma luminosa ela vivera; os tapetes onde pusera os pés; o largo fogão Império, de mármore branco, rodeado de faianças azuis de Delft — que tanto lembrava o *Blue and Wite,* de Walter Gay — junto do qual, afundados em dois grandes Maples, nós passávamos horas inteiras conversando e fumando. Os «interiores» têm a alegria, a luz,

a fisionomia, a graça da mulher que neles vive; quando essa mulher desaparece, tudo se apaga, tudo perde a frescura e o encanto, dir-se-ia que por tôdas as coisas se espalha um vago tom de fôlha morta, — e nós temos a impressão de que entramos numa casa abandonada. A idea de que já não encontraria ali a minha pobre amiga, fez-me pensar mais insistentemente nela. A sua imagem desenhou-se com nitidez no meu espírito. Tive, por momentos, a ilusão de que a via diante de mim, magra, coleante, serpentina, na sua habitual expressão de orgulho triste e de beleza enérgica, a face pálida, o nariz semita, os cabelos negros penteados em bandós sôbre as orelhas, os olhos claros, dum brilho líquido de pedras preciosas, mudando de côr conforme a luz — azuis no jardim ao ar livre, verdes de dia na penumbra do *hall*, duma tonalidade dourada de âmbar à noite — mas sempre calmos, frios, imprecisos, enigmáticos, longínquos, olhos «de quem pensa noutra coisa», de quem está permanentemente distante do lugar onde se encontra e das pessoas que a rodeiam, e que tantas ve-

zes, quando ela respondia às minhas perguntas, tinham conseguido dar-me a impressão de que a sua voz vinha de muito longe. Não lhe falava havia meses, desde os últimos incidentes que tinham dado causa ao divórcio, e naquele instante, no confuso rumor da marcha do combóio, a voz de Ester — essa mesma voz de contralto, grave e melancólica — parecia vibrar ainda nos meus ouvidos. Reavivavam-se na minha memória trechos das nossas conversas, frases inteiras reproduzidas palavra a palavra, a impressionante sinceridade com que ela me confessara um dia, passeando comigo no jardim, junto ao maciço de rododendros côr de rosa: «já não posso amar meu marido!», a perfeita convicção com que eu lhe respondera, tomando-lhe afectuosamente as mãos trémulas: «o essencial, para marido e mulher, não é amarem-se, é conhecerem-se». Com efeito, Paulo não conhecia a mulher; ela ainda o conhecia menos a êle; e eu, que os compreendia muito bem a ambos, nunca conseguira explicá-los suficientemente um ao outro. A hostilidade surda que se estabeleceu

entre marido e mulher chegou um dia ao insulto e à violência. Um, inábil de mais para transigir; outra, orgulhosa de mais para perdoar, — encarregaram-se ambos de tornar impossível uma conciliação. Procurei ainda convencê-los de que seria um crime destruir, sem fortes razões de ordem moral, um lar onde havia uma criança inocente que se tornaria àmanhã — e não me enganei! — a maior vítima do orgulho e do desvario dos pais. Inútil. Ester saíu de casa para a quinta dos judeus Mendes, nos arredores de Vizeu; Paulo da Nóbrega requereu o divórcio; e, logo que foi proferida a sentença, com mêdo de que lhe roubassem a filha — pobres cinco anos em flor! — partiu com ela em viagem pela Europa e deixou-a, em segrêdo, num colégio de Londres. Pouco tempo depois, a criança, que passava os dias a chorar com saudades da mãe, morria por asfixia bulbar no decurso duma poliomielite quási fulminante, e Paulo, chamado à pressa a Inglaterra, apenas tivera tempo para apertar nos braços o pequenino cadáver e trazê-lo num *fourgon,* sob um montão de flores, para terra

portuguesa. Que seria agora a velha casa de Cascais, sem o sorriso daquela mulher e sem a alegria daquela criança? Em que estado me receberia o meu infeliz amigo, que surpresa me reservaria êle, que tormento iria ser para nós ambos aquele almôço cheio de recordações e de lágrimas? Embalado pela trepidação da carruagem, creio que adormeci. De repente, o combóio parou, senti a pressão morna de dois joelhos de encontro aos meus, abri os olhos. Era a alemã que, já de pé para sair, balbuciava, do alto dos seus seios redondos de *fräulein* pudibunda, capazes de amamentar os quatorze filhos de Níobe:

— *Pardon...*

Tínhamos chegado. A baía scintilava. Revoavam gaivotas. As muralhas da velha fortaleza filipina debruçavam-se sôbre o mar, numa atitude humana de gigantes fatigados. Desci do combóio e tomei o primeiro automóvel que me apareceu. Minutos depois, parava diante do portão da casa de Paulo da Nóbrega, sólido portão senhorial do fim do século XVIII, carregado da pedra-de-armas

dos Albergarias — a cruz florida em campo de prata e o dragão volante de vermelho por timbre — que abria para um belo jardim moderno, inglês, com duas magnólias gigantescas à entrada, manchas de phlox vermelhos lembrando cobres imperiosos de Wagner, os característicos hemiciclos de rosas copiados do Moore Park, de Herfortshire, e uma larga alameda central vagamente dourada como as dos jardins de certas tapeçarias dos Gobelinos, conduzindo à casa de habitação, — pesada, antiga, maciça, tumular, de persianas cinzentas fechadas. Apeei-me. Havia à porta mais dois automóveis, um dêles cheio de flores. O velho mordomo João — oitenta anos de obscura fidelidade — veio receber-me, trémulo, vestido de negro, os olhos inchados de chorar, mas alegre como eu nunca o vira. Os pavões gritavam. Respirei um momento aquele perfume, aquela frescura luminosa. Daí a pouco, na penumbra do *hall* — a penumbra doce, tão minha conhecida, do vitral amarelo de Maurice Dénis — Paulo da Nóbrega caía-me nos braços:

— Obrigado!

— É meio-dia. Fui pontual.

— Se soubesses com que impaciência esperávamos por ti!

— Então que surpresa é essa que me anunciaste pelo telefone?

Dois sujeitos graves, de fraque preto, que estavam sentados ao fundo da sala, levantaram-se. Numa tôrre próxima bateram as doze badaladas do meio-dia. Paulo desprendeu-se do meu abraço, titubeou, baixou os olhos, e disse por fim, sem coragem para me fitar:

— Vou casar-me, meu amigo.

— Tu?

— Estávamos à tua espera. És uma das minhas testemunhas. A outra é o meu velho procurador, dr. Quevedo, que tenho o prazer de te apresentar.

Foi tal o meu espanto, que me esqueci de cumprimentar um dos sujeitos de preto — o mais velho — excelente pessoa calva, afável, pragmática, ceremoniosa, que veio ao meu encontro, e que ficou de mão estendida, a olhar para mim. Apesar da tendência de Paulo para complicar a vida, custava-me a

crer que, a pouco mais de um ano do seu divórcio e a poucos meses da morte da filha, êle tivesse pensado em casar-se outra vez. Mas, tudo era possível tratando-se do meu amigo, que parecia ter vindo ao mundo para fazer a sua infelicidade e a infelicidade dos outros. Olhei tristemente — confesso — a face emmagrecida, os cabelos quási brancos, a velhice precoce de Paulo da Nóbrega, que a sua natural elegância não conseguia dissimular, e foi num tom de voz glacial que lhe perguntei:

— Mas com quem casas tu?

Paulo indicou, num gesto, alguém que vinha entrando. Voltei-me. O largo reposteiro de veludo verde do *hall* afastou-se, e uma mulher alta, ondulante, escultural, vestida de preto, assomou, com um pequeno livro de missa de fôlhas doiradas na mão. Era Ester Navarro.

— Como tu vês — disse Paulo da Nóbrega — caso-me com a minha mulher...

Olhámo-nos os três num silêncio que, em mim próprio, foi de natural comoção. Com franqueza, eu tinha-me lembrado de tudo —

até duma nova paixão de Paulo! — mas o que nunca me passara pela cabeça era a possibilidade de se reconstituir aquele lar, onde só faltava agora — e isso para sempre! — o sorriso duma pobre criança, inocente de culpa, que fôra, afinal, a única sacrificada em todo aquele obscuro drama de família. Ester voltava ali pela primeira vez depois do seu divórcio. Pálida, quebrada de nervos, fatigada de emoções, cambaleou, e teve de amparar-se à mãe e à irmã, que a acompanhavam. Fui beijar-lhe as mãos. Diz Carlyle — e é certo — que as mulheres são «grandes silenciosas». A minha pobre amiga não pronunciou uma palavra; mas as suas mãos geladas tremiam, as lágrimas corriam-lhe pelas faces, e essas lágrimas — para mim, que a conheço tão bem — queriam dizer, na sua dolorosa mudez: «o meu coração está contente; mas a minha consciência acusa-me e o meu orgulho sofre!» O outro sujeito de preto — o mais novo — que, pela atitude solene e pelo olhar penetrante, podia ser o sr. Mussolini, mas que era apenas um oficial do registo civil, julgou oportuno o momento

para pôr os óculos e para nos dizer, com serena gravidade:

— Estou às suas ordens, meus senhores.

A cerimónia foi rápida e simples. Logo que ela terminou, o dr. Quevedo ofereceu ao homem da lei um lugar no seu automóvel, e despediu-se. A mãe de Ester — senhora obesa, de cabelos brancos, cheia de jóias e de bom senso — olhava a filha e o genro com um tão expressivo sorriso de benevolência, que não me foi difícil interpretá-lo: «para se casarem outra vez, não valia a pena o incómodo de se terem divorciado». Dez minutos depois, estávamos à mesa do almôço, na tranquila intimidade daquele interior de velho estilo flamengo, onde nada mudara — as arcas, os armários, o lampião de ferro forjado de Robert Brandt, as faianças — e onde as próprias flores, espalhadas sôbre a mesa, pareciam as mesmas que eu ali deixara havia um ano. Ninguém se referiu, nem mesmo veladamente, à reconciliação que acabava de fazer-se. Marido e mulher (e isso impressionou-me) não trocaram um olhar. Paulo aludiu apenas, rindo, à possibilidade duma viagem de «segun-

das núpcias» — Côte d'Azur, Itália — e manifestou o desejo de falar comigo, a sós, depois do almôço. Quando o criado trouxe o café, o meu amigo disse-lhe, baixo:

— Sirva na outra sala.

As senhoras ficaram e nós passámos para a sala de fumar. Sentado num dos Maples, diante do largo fogão rodeado de faianças azuis dos *plateebakers* de Delft — o canto predilecto de Ester — Paulo da Nóbrega contou-me, então, simplesmente, comovidamente, tudo quanto se tinha passado, a maneira por que se aproximara dela, o sentimento novo que nascera nas almas de ambos, os episódios do seu primeiro encontro, — que se diriam delicadas aguarelas românticas, verdadeiros Engénio Lami duma elegância triste e dum penetrante encanto. Logo que chegara a Londres, Paulo tinha mandado um telegrama à mulher comunicando-lhe a morte da filha e dizendo-lhe que seguia com o pequeno cadáver para Lisboa. A comoção que dela se apossou foi tão profunda, de tal modo aquele rude golpe abalou todo o seu organismo, que Ester caíu doente com uma febre

cerebral, esteve um mês entre a vida e a morte, e o entêrro da pobre criança realizou-se sem que a mãe pudesse, sequer, desfolhar umas rosas sôbre o seu caixão. Paulo, entretanto, como uma sombra dolorosa, passava os dias no cemitério de Cascais, junto do jazigo onde repousava o corpo da filha, e, cheio de piedade pela desventurada mulher que sofria, naquela hora, uma dor igual à sua, escrevia para Vizeu a informar-se discretamente do seu estado, e aconselhava-lhe, por intermédio dos judeus Mendes, serenidade e resignação. Um belo dia, recebeu, expedido da véspera, um telegrama que o sobressaltou: «Ester seguiu para Lisboa». A pobre mãe vinha, como era natural, rezar e chorar sôbre o túmulo da filha; e Paulo, coração sensível, compreendeu que tinha o dever de respeitar a dor dessa mulher, evitando qualquer encontro com ela no cemitério. Durante alguns dias, em vez de fazer a sua «hora de ciprestes», ficaria em casa, entre os seus livros e as suas flores, absorvido na saudade do anjo que perdera. A idea, porém, de que, naquele momento, Ester poderia es-

tar perto dali, a dois passos dêle, ajoelhada na sepultura duma criança a que ambos tinham dado a vida — e talvez a morte! — murmurando o mesmo nome, chorando as mesmas lágrimas, começou a inquietá-lo e a perturbá-lo. «*Vouloir oublier quelqu'un, c'est y penser*». Quanto mais procurava afastar de si a imagem dessa mulher, — mais a via, mais a sentia inexplicàvelmente presa à sua alma por novos laços que, na confusa situação sentimental em que se encontrava, não percebia bem quais eram. Razões de prudência, de bom senso, de delicadeza moral, aconselhavam-no a não ir nesse dia ao cemitério; mas uma vontade mais forte do que a sua impelia-o, e Paulo, desculpando-se perante a própria consciência com a probabilidade de não encontrar a mulher, mas possuido, no íntimo do seu coração, da certeza de que a encontraria, vestiu-se, mais elegantemente do que seria preciso para chorar uma filha, embrulhou-se na sua capa romântica — a «capa de Musset», como êle lhe chamava — e foi. Á porta do cemitério da vila estava um automóvel. Seria o dela? Interrogado, o

chauffeur declarou que trouxera «uma senhora alta, ainda nova, de luto». Não havia dúvida. Paulo da Nóbrega, pálido, com o coração a saltar-lhe do peito, hesitou, ainda, em frente do portão. Que faria ao vê-la? Falar-lhe-ia? Limitar-se-ia a saudá-la de longe? Batida do sol, a larga alameda daquele jardim de ciprestes scintilava. Da terra do cemitério parecia exalar-se um hálito quente de bafio e de flores. Paulo entrou, — e, mal tinha dado dois passos, viu, diante da sepultura da filha, um vulto negro prostrado. Correu, gritou, levantou nos braços êsse pobre corpo palpitante: era Ester, que caíra desmaiada sôbre os degraus do jazigo. Levaram-na sem sentidos para o automóvel, banharam-lhe as fontes com água fria, e Paulo da Nóbrega viu-se obrigado a conduzi-la à casa de Cascais, e depois, na sua *conduite,* até Lisboa. Durante a viagem não disseram uma palavra um ao outro. Ester, com a cabeça encostada ao peito de Paulo, chorava, em silêncio. Quando chegaram, aquele homem — que era um estranho para ela — entregou-a à mãe, e, delicadamente,

retirou-se. No dia imediato, estavam ambos, à mesma hora, no cemitério. Daí por diante, o túmulo da pobre criança tornou-se o lugar de *rendez-vous* de dois namorados tristes, — que se procuravam para chorar. O que não pudera fazer a filha viva, fizera-o a filha morta: aproximá-los, criar neles êsse estado de alma comum, êsse unísono sentimental que é o segrêdo de tôdas as afeições e a base moral de todos os lares. Nunca, durante seis anos de casamento, se tinham sentido tão unidos como naquela hora em que já não eram um do outro. A dor — dor fecunda! — revelara-lhes o sentido da vida e acordara a sua consciência. Um sentimento novo nasceu na alma dos dois, — mixto de ternura apaixonada e de remorso pungente. Compreenderam que o seu divórcio fôra um crime, porque imolara ao orgulho, ao capricho, à loucura de ambos, a vida duma criança. Era preciso que expiassem juntos a sua culpa; que chorassem juntos, na comunhão da mesma dor, a vítima inocente que tinham feito. Por isso acabavam de unir-se outra vez. Por isso Paulo estava ali — ao canto daquela cha-

miné apagada onde as faianças lampejavam — abrindo-me a sua alma, lamentando as suas fraquezas, confessando-me quanto se sentia arrependido do acto irreparável do seu divórcio. Se a lei lhe restituira a mulher, não podia já — ai dêle! — restituir-lhe a filha. Tudo quanto há de iníquo nessa lei de repúdio, de negação e de desamor, aparecia agora com nitidez ao seu espírito. Ela seria a libertação de milhares de egoístas; mas era o Calvário de milhares de crianças. Paulo sentia-o, via-o bem, naquele instante. E, embora continuando a admitir, em certos casos e em certas situações, a dissolução do casamento, repetia, abraçado a mim, com as lágrimas a caírem-lhe, a quatro e quatro, pela face:

— Mas, se há filhos, não!

Lá fora, os pássaros cantavam. Ouviam-se, mais estridentes, os gritos dos pavões. Adivinhava-se, através das persianas fechadas, o clarão ofuscante daquele dia de primavera. Passados momentos, Ester entrou, envôlta num casaco de automóvel, um grande ramo de rosas frescas na mão:

— São horas, Paulo...

— Onde vão? — perguntei eu, desprendendo-me do abraço do meu amigo.

Ester baixou os olhos — os seus olhos longínquos, que, naquele instante, eram dum verde líquido de água dormente — e disse, no seu sorriso de infinita melancolia:

— Ao cemitério...

A OBRA DO DOUTOR REIMONDES

A OBRA DO DOUTOR REIMONDES

O velho doutor Reimondes, sentado à mesa do seu gabinete de trabalho, tinha acabado de escrever a palavra «fim» no manuscrito da grande obra de medicina social em que consumira alguns anos de vida: *A protecção dos fracos.* No relógio holandês — um dêsses relógios altos que aparecem nos quadros de Pieter de Hooch ou de Gerard Ter Borch — bateram as três horas da madrugada. Palpitava, em redor, uma penumbra inquietante, que parecia adensar-se, coagular-se em sombra espessa aos cantos do aposento, sob os móveis pesados, no vão das portas opulentamente resguardadas por largos reposteiros de riço verde. Nessa penumbra, uma só coisa brilhava, sob o reflector da lâmpada baixa pendurada do tecto: era a calva luzidia e jubilosa do doutor Reimondes, uma

calva socrática, braquicéfala, oleosa, rosada, redonda como uma bola de bilhar, vagamente eriçada de pêlos grisalhos nas fontes e no ócciput, — a calva resplandecente de um sábio que, naquele momento, se julgava o patriarca da ortobiose, o homem expressamente fadado para corrigir tôdas as desarmonias e tôdas as imperfeições humanas, — uma fôrça da natureza, um colaborador de Deus.

Quem nunca plantou uma árvore, não sabe que prazer é vê-la crescer e poder repousar à sua sombra. Quem nunca escreveu um livro, não faz a menor idea do infinito gôzo espiritual, da pura emoção criadora que se sente ao terminá-lo. Os sábios e os poetas não são os pais das suas obras; são as mães, — tal é a identidade, verdadeiramente impressionante, da produção literária com o trabalho do parto. Já Daudet o disse: «*Je vois le masque de la femme grosse sur la face absorbée de l'homme qui porte un livre*». Por isso o velho doutor Reimondes, embevecido no seu manuscrito, o remirava, o acariciava, o folheava voluptuosamente, revendo-se

naquele filho que lhe custara tôdas as dores e todos os júbilos da maternidade. Entretanto, a *Protecção dos fracos,* apesar de certa originalidade de método e do vago pietismo cristão da sua filosofia, não passava de um vulgar tratado de higiene social em que se estudava a protecção da criança, a puericultura ante-concepcional de Pinard, a assistência às mães durante a gestação, as leis de Durand e de Strauss, a luta contra a mortaidade infantil, o estabelecimento de mutualidades maternais, de refúgios operários, de asilos de grávidas e de puérperas, de «gotas de leite», de *pouponnières,* de jardins de infância, e, por último, a luta contra as doenças sociais e o desenvolvimento das acções profiláticas e terapêuticas tendentes a aumentar a resistência e a prolongar a existência de todos os fracos, de todos os débeis, de todos os inferiores, de todos os tarados, de todos os intoxicados, de todos os enfermos, de tôdas as criaturas, emfim, condenadas, pela herança mórbida, a uma vida difícil e a uma morte prematura. Não havia, na obra, nem doutrina nova, nem aquisições novas, nem

pontos de vista novos; mas o doutor Reimondes, salvas as proporções, podia repetir a frase de Pascal: «*Qu'on ne dise pas que je n'ai rien dit de nouveau; la disposition des matières est nouvelle*». O sábio inspirara-se no sentimento cristão de piedade pelos fracos; no velho preconceito religioso de que a vida, mesmo a mais humilde, é uma chama sagrada que a sciência tem o dever de alimentar; e no espírito de oposição ao neo-maltusianismo de Stuart-Mill e de Walkers, pela consideração de que os degenerados e os débeis são também, dentro das suas possibilidades, elementos criadores de riqueza e de civilização. Fracos, raquíticos e doentes tinham sido Bacon, Descartes, Byron, Kepler, Newton, Petrarcha, e nem por isso a sua vida podia considerar-se menos útil à humanidade. Para o doutor Reimondes, o essencial não era, como para o idealismo de Galton e dos eugenistas, evitar que os fracos fossem gerados; o essencial, sob o ponto de vista prático, era que, uma vez gerados e nascidos, os fracos encontrassem condições de defesa e de protecção que lhes permitis-

sem resistir e viver. Essas condições estudava-as o velho médico no manuscrito onde, àquela hora da madrugada, acabava de escrever a última palavra, e cujas fôlhas as suas grandes mãos felpudas e ruivas afagavam, percorriam, afloravam de leve, com a delicadeza com que se acaricia uma mulher. Mas, «fim» era uma expressão sêca e árida. O sábio, lembrando-se do colophon das velhas obras monásticas, emendou: «*finis, laus Deo*». Depois, levantou-se, afastou o *plaid* que lhe cobria os joelhos, acendeu o cachimbo, afundou-se num dos cadeirões, junto do fogão, estendeu para as brasas os seus pés plebeus e enormes, calçados, como os do doutor Fausto, em sapatos ponteagudos de veludo preto, e, semicerrando os olhos, murmurou, numa beatitude que era já o antegôzo da imortalidade:

— Deus deve estar satisfeito comigo. Completei a sua obra!

O doutor Reimondes dormitava, havia já vinte minutos, quando o ruído duma faiança, estilhaçando-se no chão, o acordou. O sábio abriu os olhos e, com assombro, viu diante

de si, còmodamente sentado na outra poltrona, um sujeito amável, risonho, vestido de negro, com a elegância *faisandée* do Boni de Castelanne pintado por Van Dongen, a perna cruzada, a claque na mão, uma ligeira badine *pomme d'or* brincando na ponta do sapato de verniz. O primeiro movimento do doutor Reimondes foi para correr à janela e gritar por socorro. Mas, a um gesto do recém-vindo, deteve-se, caiu de novo sôbre o cadeirão, e, fixando naquela figura negra os olhos redondos de pavor, procurou na fisionomia do intruso uma feição, um traço que lhe permitisse reconhecê-lo. Inútil. Não conhecia semelhante homem. Não podia compreender a a facilidade e a sem-cerimónia com que êle lhe entrara em casa. E, entretanto, a sua máscara, a sua expressão interrogativa e irónica, não lhe eram inteiramente estranhas. Já vira, fosse onde fosse, aquela face caprina de fauno, dura, angulosa, nítida como se a tivessem recortado dum baixo-relêvo de bronze, aqueles olhos ardentes, aquela testa alta onde o pêlo crespo e hirsuto mal disfarçava duas pequenas excrescências córneas,

aquelas mãos de unhas longas, rapaces, imobilizadas em atitudes de garra, e, sobretudo, aqueles lábios cruéis, aquele sorriso inquietante, em que parecia haver vagas reminiscências de certas figuras outrora abertas pelos imaginários nas gárgulas das catedrais, ou empoleiradas, com os seus pés de cabra, na armadura flamejante dos vitrais antigos, ou, ainda, coloridas pelos mestres pintores nas iluminuras de oiro dos antifonários de Lorvão ou do missal de Ana de França. Essa fisionomia medieval aparecia agora, porém, tão desconcertadoramente modificada na sua linha de elegância moderna, tão *Saint James's* na distinção desdenhosa da sua casaca onde o reflexo das brasas do fogão punha lampejos de sêda, e, emfim, tão amável, tão atraente, tão risonha, que o doutor Reimondes, mais tranquilo, ousou perguntar-lhe, recostando-se na poltrona:

— Mas quem é o senhor?

— Um colega seu.

— Um colega meu?

— Doutor Salomão Emser, médico, professor da Universidade de Leipzig, que vem,

numa visita talvez inoportuna, discutir comsigo a sua obra.

— A minha obra? Mas eu ainda não a publiquei!

— Não é indispensável tê-la publicado para que eu a conheça.

— O senhor?

O relógio holandês bateu as quatro horas num timbre de velho címbalo de cobre. Pareciam mais espessas as sombras, ao canto do salão. Como tocado por uma aragem leve, o resposteiro de riço verde oscilava. O singular visitante levantou-se, em movimentos lentos, a claque debaixo do braço, aproximou-se da mesa, tomou entre dois dedos o manuscrito, deixou-o cair desdenhosamente, e emquanto a luz da lâmpada escorria, numa babugem doirada, pela sua face cornicaprina, disse para o doutor Reimondes:

— O meu caro colega propõe-se, então, destruir a espécie humana?

— Eu?

— O que aí está escrito não pode ser interpretado doutra maneira.

— Mas, o que ali está escrito é exacta-

mente o contrário! O que eu pretendo é colocar em condições de maior resistência os que nascem fracos e doentes. O que eu pretendo é prolongar-lhes a vida!

— Precisamente. Por isso eu digo que o meu caro colega se propõe favorecer a herança mórbida e apressar o fim da raça.

— Mas, como chega o senhor a essa conclusão?

— Com muita facilidade, — exclamou o intruso, sentando-se, elegantemente, na ponta da mesa. — Vou provar-lhe que tudo quanto o senhor escreveu é, como em geral tôda a sciência humana, uma falsificação da realidade, e repousa sôbre uma série de êrros fundamentais. Confesso que sinto um prazer verdadeiramente diabólico na contradição; e já o meu compadre Goethe dizia que eu, desejando sempre o mal, faço algumas vezes o bem. Os senhores estão estragando a sciência com o preconceito cristão. Deus é uma criação do sofrimento e da fraqueza humana, e o cristianismo converteu a sciência numa conspiração dos débeis e dos degenerados contra os poderosos e contra os fortes. Que

faziam os gregos, êsses belos pagãos, às crianças enfermiças, pequenas serpentes que envenenam a raça? Deitavam-nas ao Eurotas. Que fazem os senhores? Uma espécie de lirismo, a que chamam puericultura. Proteger os fracos, meu caro senhor, é cometer um crime contra a espécie humana. É dêsse crime que eu venho acusá-lo, porque eu sou, como o meu companheiro Nietzsche, um «pessimista da fôrça», e tenho um particular interêsse em que o mundo seja dos fortes, porque são êles os únicos capazes de praticar a violência e a destruição. Ouça. Vou falar-lhe *ex-cathedra,* como falaria aos meus discípulos de Leipzig. O meu caro colega sabe que, em condições normais, os génitos fracos, provenientes de geradores intoxicados e doentes, não resistem; são nado-mortos, ou sucumbem na infância; e, por conseguinte, não chegam a reproduzir-se. É a obra maravilhosa da selecção, obra de silêncio e de mistério, das mais perfeitas do Criador do mundo; — e eu sou tanto mais insuspeito em afirmá-lo, quanto é certo que não mantenho com êle relações cordeais. Ora muito bem.

Se os senhores, que já cometeram o êrro de extinguir as epidemias e as pandemias, agentes magníficos de selecção natural, criarem àmanhã a êsses gérmens fracos, desde o ventre materno, condições artificiais de resistência, se os ampararem, se os protegerem,— êles sobrevivem, resistem, atingem a nubilidade, reproduzem-se, multiplicam-se, e quanto mais extensa e mais eficaz fôr a protecção da criança, maior é o perigo para a espécie humana, porque os débeis, os degenerados, os monstros, condenados a extinguir-se pela previdência da natureza, passarão, pela inépcia dos homens, e, sobretudo, dos sábios como o meu caro colega, a polular assustadoramente. Quer dizer: suprimida a selecção natural, a humanidade degenera, a humanidade está perdida,—e é pena, porque eu não vejo na criação nenhum animal «suficientemente feroz» (como diz o meu amigo Emerson), que possa tomar o lugar do homem. Dir-se há que os apóstolos da nova sciência de Galton, os eugenistas, os hominicultores, os estipicultores, os freniogenistas, os megalantropogenistas, que pretendem civilizar o

instinto da reprodução — excelentes pessoas! — esperam poder àmanhã, pela acção das sociedades eugénicas e dos próprios Estados, impedir a proliferação dos fracos, dos imbecis, dos epilépticos e dos doentes. Como se isso fosse possível, meu caro senhor! Desde que os fracos vinguem, resistam e vivam, não há poder algum no mundo que os impeça de amar, de reproduzir-se, de proliferar, de polular, com a estupenda fecundidade de todos os degenerados, prolíficos como ratos, — e não são, de-certo, as sociedades eugénicas, a *Svenskt Sallskap for Rashygien* ou a *American Bruders Society,* academias de hominicultores empenhadas em obter homens perfeitos pelo processo porque o criador inglês Backwell obteve perfeitíssimos bois, que conseguirão dos governos dos seus países a promulgação de decretos impondo a esterilização de todos os degenerados e de todos os débeis que os senhores deixam nascer e viver. E ainda que isso fosse possível, ainda que se lhes pudesse aplicar o processo cirúrgico proposto pelos nossos colegas Noecke e Daniels para esterilizar certos degenerados e cer-

tos criminosos — singular maneira de fazer profilaxia social! — não valia a pena na verdade, meu caro senhor, conceder essa olímpica protecção aos fracos, fazendo-lha pagar pelo mais doloroso e degradante preço que se pode exigir a um homem. Ah, meu excelente colega! Proteger os fracos é atentar contra a integridade da raça; é inverter o próprio sentido da vida, porque o homem, depositário efémero de um legado imortal, existe sôbre a terra para converter a vida numa ascensão dionisíaca de beleza e de fôrça. Proteger os fracos, é transformar as cidades novas — obras diabólicas e resplandecentes! — em sombrias necrópoles, em formidáveis aglomerados de asilos, de manicómios e de hospitais. Proteger os fracos, meu caro senhor, é, em última análise, uma insensatez. Sabe o que eu lhe digo? Tome o seu livro, e deite-o no fogo.

Num gesto soberbo de desdém, o homem de negro pegou no manuscrito, com as pontas dos dedos, e atirou-o aos pés do doutor Reimondes. Centenas de fôlhas brancas espalharam-se no ar e foram cair diante da

grade do fogão. Instintivamente, o sábio curvou-se para apanhá-las; e quando, acto contínuo, levantando-se de um salto, abrindo os braços, crispando os punhos ruivos e potentes, ia atirar-se sôbre o intruso, — notou, com verdadeiro espanto, que êle tinha desaparecido.

Hora e meia depois, na luz azulada da manhã, ainda o doutor Reimondes juntava pacientemente as fôlhas do seu manuscrito, convencido de que uma lufada de vento entrara pela janela, e de que lhe tinha feito mal um cálice de rhum que tomara ao jantar.

DIÁRIO DE VIAGEM DO MEU AMIGO FRED

DIÁRIO DE VIAGEM DO MEU AMIGO FRED

Desde ontem que eu, Fred Meyrelles, me encontro em Neuhausen, na fronteira setentrional da Suíça, perante o espectáculo surpreendente da queda-de-água do Rheno, nesta luminosa atmosfera de montanha que Ruskin comparava ao oiro fluido, e onde chega a ser demasiadamente viva a impressão da tranquilidade no seio da natureza. Julguei de boa prudência, antes de descer a Nice e a Monte Carlo, dar um pouco de repouso e de tratamento ao meu organismo já duramente experimentado pelos prazeres da vida. O velho doutor Fenner, que me auscultou com o maior cuidado, recomendou-me duches francesas, perguntou-me, não sei com que intenção, se ainda não tinha lido a «Vida de S. Francisco de Assis», e, olhando-me

penetrantemente, disse-me, num sorriso ao mesmo tempo repreensivo e benévolo: — «Meu amigo, se não tem pressa de envelhecer, imprima à sua existência um ritmo mais regular e mais lento». Excelente homem! Êle ignorará que, quando a vida é bela, não se pode viver devagar?

Das janelas do meu quarto, no Hotel Bellevue — o *kurhaus* típico da Suíça alemã, com o seu torreão, os seus toldos de côres e as suas belas varandas cheias de sol — olho a floresta verdejante, a graça senhorial do pequeno castelo de Laufen, a maravilhosa beleza da queda-de-água espumando sôbre as rochas, julgo distinguir, muito ao longe, na atmosfera clara e doirada, a linha de neve dos Alpes, e pergunto a mim mesmo, ao escrever estas linhas, se terei coragem para viver quinze dias neste fatigante repouso, nesta incómoda serenidade, perante esta paisagem aflitivamente calma, que parece penetrada de tôda a pacífica doçura do leite das vacas suíças. Fiz mal em não ter descido no Hotel Schweizerhof; mas êsse grande casarão assustou-me, sobretudo neste comêço do

mês de junho, em que ainda está pouca gente em Neuhausen. Aqui, no Bellevue, há talvez mais convivência; é possível que se encontre alguém que conheça o delicado prazer de conversar (mulher, bem entendido, porque os homens interessam-me cada vez menos); e ainda há pouco, esquecidos num banco do *hall*, vi um pequeno cache-col verde e uma raquette, que criaram no meu espírito a esperança de poder fazer um pouco de tennis com alguma alemã ou alguma austríaca bonita, se o velho doutor Fenner não fôr de opinião que uma bonita parceira de tennis, nesta serenidade vergiliana de Neuhausen, acelera demasiadamente o ritmo da minha existência. Espero saber, à hora do almôço, a quem pertence aquela raquette e aquele cache-col de lã verde. Ontem, só me lembro de ter visto, no *dining-room*, duas mulheres capazes de despertar um certo interêsse. Uma, jantava só, vestia *smoking* como um homem, tinha um ar Monique l'Herbier, um ar de belo adolescente que, a princípio, me suscitou dúvidas quanto ao seu sexo, e, durante todo o jantar, não levantou a cabeça

de sôbre um livro que estava lendo. A outra ocupava, com uma senhora de idade — talvez a mãe — uma mesa próxima da minha, e olhou-me demoradamente quando eu entrei. Era menos bonita; mas mostrava uns ombros bem modelados, uns olhos profundos e tristes, e — o que vai sendo mais raro do que muita gente pensa — tinha perfeitamente o aspecto duma mulher. Entretanto, sem que eu saiba dizer porquê, não me parece que qualquer delas seja a proprietária da raquette. A tennista deve ser outra, mais mulher do que a primeira, talvez mais homem do que a segunda, e eu confesso que a idea de a descobrir já me interessa mais do que a própria beleza da paisagem. A paisagem, sobretudo na Suíça, é por tôda a parte igual; e a mulher, mesmo na Suiça, é sempre per turbadoramente diferente. Afastada a possibilidade dum *flirt,* haverá alguém que resista, sem um ataque de neurastenia, a quinze dias de contemplação da catarata do Rheno?

*

Quando escrevi, ontem, as últimas linhas destas impressões de viagem, estava longe de ter — como realmente tive — um dia tão movimentado e, até certo ponto, tão agradável.

Desci para almoçar, inteiramente possuído da idea de tornar mais curta a minha permanência em Neuhausen. Encontrei as mesmas caras da véspera: as mesmas velhas alemãs cardíacas; dois franceses, mutilados da Grande-guerra; um egípcio, que se arrastou em muletas até à mesa, com a sua barba branca e o seu fez vermelho; e, sempre absorvida na leitura e cercada de livros, a feminista do *smoking* (devia ser feminista, com certeza), duma beleza delicada do efebo, de uma frescura de pele admirável, vestida agora com um ligeiro casaco branco e uma lavallière preta, como a Claudine, de Charlotte Willy. A minha vizinha, que ocupava ontem, com a mãe, a mesa ao meu lado — uma chi-

lena, filha de um banqueiro, segundo as informações do *maître d'hôtel* — não descera para o almôço. Emquanto eu saboreava uma costeleta melancólica, acompanhada da mais alemã das compotas de alperce — o guarda-vento da porta da entrada rodou, e uma linda rapariga de formas atléticas surgiu na sala, com o esbelto desembaraço de uma *cow-girl,* maravilhosamente rosada, flamejantemente loira, o busto forte cingido num *sweater* de sêda verde, um cache-col verde ao pescoço, e foi sentar-se, seguida de um velho alto e magríssimo que devia ser o pai, a uma das mesas colocadas junto da varanda. Estava descoberta a dona da raquette. O meu júbilo não teve limites. Uma mulher como aquela constituia para mim um espectáculo muito mais grandioso do que tôdas as quedas-de-água do Rheno e do que tôdas as montanhas da Suiça. Entretive-me, não apenas a observá-la, mas a ouvi-la, porque falava alto, em inglês. Uma beleza clássica? Não, de-certo. Os grandes narizes gregos já não existem, e ainda bem, porque eu prefiro os pequenos narizes expressivos, irrequietos

e fotogénicos. Miss Mabel Sealby — escrevo com satisfação o seu nome no meu «diário» — é uma dessas belezas esplêndidas e tumultuosas que a América do Norte por vezes nos envia, tipos embriagadores (se porventura a expressão é legitima tratando-se duma americana, desde que foi proclamada a lei sêca do sr. Volstead) que enchem as salas onde estão — porque, quando elas chegam, ninguém as vê senão a elas — e que possuem, além de tudo, a qualidade preciosa de ser loiras, especialmente hoje que, segundo a profecia de um austero professor da Universidade de Kansas, as loiras estão em vésperas de desaparecer. Foi com verdadeiro alvorôço que a ouvi queixar-se ao pai de que, depois da partida do doutor Rantzau para Munich (quem será o doutor Rantzau?) não tinha parceiro para o tennis, nem era fácil arranjá-lo, «porque não havia em Neuhausen senão paralíticos e vacas leiteiras». Miss Mabel, que, com certeza, não reparara ainda bem em mim, incluira-me, com manifesta injustiça, entre os paralíticos, a não ser que tivesse a crueldade de me contar no número

das vacas. Quando terminei o almôço, fui para o *hall* vê-la passar. Não tive de esperar muito. A bela *yankee*, de cigarro na bôca, atravessou na direcção do elevador; mas, de repente, viu-me, olhou-me da cabeça aos pés, sorriu, e, sem a menor hesitação, veio ao meu encontro:

— *Excuse me.* O senhor joga o tennis?

— Como tôda a gente.

— Está bem. Ás três horas, no parque. Combinado?

— Combinado.

— *Good bye!*

É inútil dizer que, às três horas em ponto, eu estava perto dos *courts* de tennis, no parque Schweizerhof. Daí a pouco, miss Mabel chegou, com uma boina basca na cabeça, as raquettes e as bolas. Conversámos uns momentos antes de começar a jogar. Nunca vi um mais perfeito tipo da *flapper* moderna, dextra, extravagante, rápida, habituada à violência do desporto e ao convívio dos homens. Disse-me que fazia todos os desportos atléticos, o *foot-ball*, o *base-ball*, o remo, o *hockey*, o *rugby*, a natação, o *cross*

country; que obtivera o prémio como lançadora de disco, em 1928, nos Jogos Olímpicos femininos de Praga; e, tomando como uma atitude dubitativa a expressão de manifesto desencanto com que eu a olhava, despiu uma das mangas do *sweater* e mostrou-me a musculatura do seu braço harmonioso e forte, como o da Diana do Louvre. Logo que começámos o jôgo, eu vi que tinha de defrontar-me com uma tennista admirável. Fui batido vergonhosamente. Quando terminámos, miss Mabel Sealby convidou-me para um passeio na floresta. Queria ver como eu marchava. Andados dois quilómetros, pensei nas recomendações do doutor Fenner, declarei-me fatigado, — e ainda agora sinto subir-me o o rubor às faces, ao pensar no olhar de desprêso que a bela americana me lançou. Já de regresso ao hotel, miss Mabel perguntou-me se eu sabia saltar. Respondi-lhe que não. Falou na nadadora Gertrude Ederlee. Disse-lhe que não tinha o prazer de a conhecer. Perguntou-me se sabia quantos metros atingiam os saltos em largura da japonesa miss Hitoni. Encolhi os ombros, num sorriso

que a impertinente americana devia ter compreendido.

— Afinal, o que sabe o senhor?

— Sei admirá-la, miss Mabel...

A nossa despedida foi glacial. Quando subi ao meu quarto, tão extenuado como desencantado, tive de reconhecer que miss Mabel Sealby, sendo, na realidade, um magnífico exemplar feminino, não era, de modo algum, uma mulher.

*

Ontem, não tive disposição de espírito para escrever. Só hoje — e, como de costume, de manhã, antes do almôço — pude redigir as minhas impressões dos dois últimos dias. Está — como dizem os ingleses — uma manhã gloriosa. O oiro da atmosfera tem uma tonalidade mais quente, as pombas revoam em volta das varandas do hotel, e em baixo, junto da velha ponte, numa paisagem de écloga que parece um esmalte verde, as cabras brincam e saltam. As duas mulheres de

quem me aproximei nos últimos dias, conseguiram, pelo menos, atenuar o meu sentimento de hostilidade pela paisagem. Como o velho pintor Watts, que não compreendia a paisagem sem a figura, — eu preciso de ver sempre uma figura de mulher no primeiro plano.

O meu dia de ante-ontem, com a diabólica miss Mabel, deixou-me enervado. Jantei mal. Fui ver um pouco de cinema, ao Schweizerhof, — uma fita em que tudo era rápido, menos os beijos. Voltei mais enervado ainda. Era de madrugada, e não tinha podido conciliar o sono. Tirei um abdulla da cigarreira; mas, para não encher o quarto de fumo, resolvi vestir-me, para o ir fumar no corredor. Quando abri a porta, uma linda rapariga, de pijama, passeava, fumando, ao longo da extensa passadeira vermelha. Apesar de haver pouca luz no corredor, àquela hora, reconheci-a imediatamente. Era a Monique l'Herbier, a Claudine da lavallière preta, *garçonne* intelectual que jantava com a mesa cheia de livros, e cujas formas, harmoniosamente femininas, se me revelavam, pela primeira vez,

na quási transparência do seu pijama de sêda. Fiquei, por momentos, perplexo, a olhá-la. No quarto fronteiro, entreaberto — devia ser o dela — havia luz. Quando percebi que ela dera por mim, esbocei um movimento discreto para retirar-me; mas a gentil rapariga compreendeu a delicadeza da minha intenção, e foi ela que se recolheu, fechando, sem ruído, a porta:

— *Ne vous dérangez pas. Bonsoir.*

Quem seria aquela mulher? O seu francês era correcto; mas a pronúncia não era a de uma francesa. Fumei o meu cigarro, deitei-me, dormi, e ontem de manhã, quando a criada — uma risonha e loira criada suíça — veio trazer-me o pequeno almôço, não pude resistir à tentação de perguntar-lhe quem era a minha vizinha de quarto. Daí a pouco, sabia tudo. Maria Plutynska — chamava-se assim — é polaca, doutora em sciências, acaba de passar seis meses na Alemanha, e está preparando, na tranquilidade desta paisagem idílica, que maravilhou Goethe, a sua tese de concurso para professora da Universidade de Varsóvia. Doutora! Pensei naquele corpo

de tanagra moderna, ao mesmo tempo delicado e esculptural, que eu entrevira ontem no seu pijama íntimo, e não pude deixar de murmurar: — «Que pena!» Tomei a duche, escrevi duas ou três cartas, e fui até ao parque — pequena vaidade de homem! — ver se miss Mabel já teria arranjado outro parceiro de tennis. Não a vi. De regresso ao Hotel, instalei-me, a ler jornais, na sala de leitura. Daí a pouco, Maria Plutynska entrou, com o perfeito ar de serenidade que teem quási sempre as mulheres intelectuais, um livro debaixo do braço, uma fina bengala na mão. Baixou-me ligeiramente a cabeça, sentou-se, pousou o livro aberto sôbre um dos braços do *fauteuil,* acendeu um cigarro, cruzou a perna — uma perna nervosa e bem lançada, dessas que o romancista norte-americano Struthers Burt considera «eminentemente espirituais» — e deixou-se absorver pela leitura. Emquanto ela lia, eu observava-a. Um perfil de medalha, ao mesmo tempo reflexivo e enérgico; os cabelos côr de mogno, cortados «à febre tifóide», descobrindo duas das mais belas orelhas que me tem sido dado

admirar; umas mãos inteligentes e sem jóias, de dedos delgados, finos, longos, como pernas de aranha. De repente, como se lhe faltasse alguma coisa, Maria Plutynska saiu da sala, deixando o livro aberto sôbre o braço da cadeira. Num movimento de curiosidade, a que não pude ser superior, levantei-me para ver o que ela lia: Einstein, Lorentz, Minkowski, *Das Relativitatsprinzip*. Mas não o fiz tão ràpidamente, que a jovem polaca, ao voltar, me não surpreendesse.

— *Est-ce que ça vous intéresse?* — perguntou-me ela, com o seu melhor sorriso, sentando-se de novo no Maple.

Disse-lhe que sim, que a teoria de Einstein me interessava muito, mas que não conseguira ainda compreendê-la perfeitamente. A curiosidade, como ela acabava de verificar, não era privilégio das mulheres. Supunha que ela estava lendo um livro de literatura, e fiquei surpreendido — confessei-lhe — ao encontrar-me diante de uma obra de alta matemática. Daí a pouco, conversávamos ambos animadamente, fumando os mesmos cigarros e trocando as mesmas impressões.

Maria Plutynska permitiu-me que almoçasse à sua mesa, e, durante uma hora, falou-me da teoria da relatividade, do Universo de Minkowski, da associação dos conceitos de espaço e de tempo, da relatividade generalizada, das coordenadas de Gauss, da lei da gravitação, dos Universos de Sitter e de Einstein, do movimento dos planetas, de mil coisas complicadas, emfim, com uma lucidez, uma vivacidade, uma sagacidade, um poder de penetração e de crítica, que me assombraram naquela pequena mulher graciosa e delicada como uma boneca italiana. Mas — facto curioso! — à medida que ela conversava, ou, melhor, que ela discursava, alguma coisa, que eu não percebi desde logo o que fosse, começou a afastar-me da jovem polaca. Entre mim e Maria Plutynska, que a princípio, pela sua fina beleza, tanto me perturbara, tive a impressão de que descia, pouco a pouco, uma placa de gêlo. O que nela, apesar do tipo *garçonne,* restava de pura feminilidade, deixou, como por encanto, de me interessar. O corpo era o duma mulher, e duma mulher bela; mas o cérebro era o de um homem.

Junto de semelhante criatura, eu já não podia sentir o menor impulso do coração ou a mais ligeira solicitação dos sentidos. Era impossível flirtar com uma professora da Universidade de Varsóvia. Quando o almôço terminou, despedi-me de Maria Plutynska tão friamente, como me despedira, na véspera, de miss Mabel Sealby. A excessiva inteligência da mulher, repele, tanto como a sua demasiada fôrça física, a sensibilidade do homem. Se as mulheres se transformarem tôdas em atletas e em sábios, — que triste fim, Deus meu, estará reservado, sôbre a terra, à ternura humana?

*

Resolvi demorar-me, pelo menos, um mês em Neuhausen. O que se passou ontem durante o baile, no terraço do Hotel Schweizerhof, leva-me, definitivamente, a considerar incomparável a paisagem suiça. Sobretudo, vista de noite, ao luar.

A chilena, minha vizinha de mesa, que costumava olhar-me com certa curiosidade, e com quem eu já trocara algumas palavras sem importância, desceu ontem, para o jantar, ricamente vestida. Por momentos, deixou cair dos ombros a sua grande capa de brocado azul com gola de raposa prateada, e mostrou, no cálice do decote, umas espáduas tão brancas e tão belas, que eu lembrei-me dêsse elegante Cure Hamilton, o Latour americano, que só pinta mulheres decotadas e de costas, — na esperança, talvez, de lhes ver um dia nascer as asas. Perguntei-lhe onde ia, e M.elle Mercedes Olmero y Albajar — era o seu nome — deu-me a novidade de que havia baile no Grande Hotel. Como eu não estava disposto a continuar o meu *flirt* com o filósofo Einstein, nem tinha um excessivo interêsse em saber se a terra se move ou não no espaço, pedi licença a M.elle de Olmero e a sua mãe para as acompanhar aos salões do Schweizerhof. Quando lá chegámos, havia pouca gente — ainda não estamos na *saison* — mas já se dançava. Não sei porquê, se porque as saias eram mais

compridas, se porque as bôcas eram menos pintadas, não se notava tanto êsse ar desagradável de *cabaret,* hoje característico de todos os salões elegantes. Pouco depois de nós entrarmos, a orquestra, em homenagem ao grande numero de velhas que, como jarrões de faiança, enchiam a sala, tocou o *Danúbio Azul,* de Strauss. A distintíssima chilena, minha companheira, mostrou desejo de dançar; demos duas voltas de valsa; e, porque o mais belo espectáculo da noite era o efeito do luar sôbre o Rheno, fomos, os dois, até ao terraço. O rio parecia de prata; tudo, em volta de nós, escorria prata fluida, a varanda, o envidraçado da larga *marquise,* as árvores enormes do jardim; e, dominando tudo, a queda-de-água do Rheno, como um grande fogo de artifício, jorrava, espumava, espadanava, subia em repuxos, em faíscas, em foguetões de prata refulgente. Ao pé de mim, num dos bancos do terraço célebre do Schweizerhof, M.elle de Olmero, envolvida na sua opulenta capa, olhava, dominada, subjugada, silenciosa, o espectáculo magnífico da natureza. Observei-a. O seu rosto pálido não teria

a beleza irrepreensível das linhas, mas possuia, sobretudo naquelle momento, a beleza suprema da expressão; as mãos tremiam-lhe; dos seus incomparáveis olhos negros, olhos de veludo, onde parecia que os fogos argênteos da queda-de-água se reflectiam em scentelhas, desceram duas lágrimas furtivas, duas lágrimas apressadas, como se duas gotas luminosas da catarata do Rheno lhe tivessem salpicado as faces.

— Não se sente bem, Mercedes?

— Sinto-me tão bem!

Em silêncio, as mãos da elegante chilena abandonaram-se nas minhas. Ouviu-se de novo, no salão, a valsa romântica de Strauss. Percorreu-me o corpo um arrepio de comoção. Ia jurar que um rouxinol tinha cantado no arvoredo...

Finalmente, encontrei uma mulher!

A MULHER PERFEITA

A MULHER PERFEITA

Jacob Bolk, judeu holandês, considerado, no primeiro quartel do século XVII, um dos homens mais ricos do mundo, chegara a Veneza havia dois dias e hospedara-se, com tôdas as honras, em casa do camareiro-mor da Senhoria Sereníssima. Era de tarde — uma dessas tardes venezianas, doiradas e vagamente nevoentas, que haviam de imortalizar mais tarde o pincel de Turner — quando *messere* Jacob, saboreando uma conserva de rosas na *loggia* debruçada sôbre o Grande Canal, perguntou ao camareiro quem era, naquele momento, o maior pintor de Veneza.

— O maior? Ticiano, igual aos príncipes.

— Deixemos em paz Ticiano. Sôbre as suas mãos, que pintaram tantas maravilhas, caiu o gêlo da morte. Não há outros?

— Se queres, levo-te a ver os túmulos de Veroneso, de Tintoretto e de Giorgione.

— Mas não há já um pintor vivo, em Veneza?

— Veneza já não tem pintores...

O camareiro traçou a capa negra, empunhou o bastão, e retirou-se, a caminho do palácio dos Doges, onde o esperava a Senhoria Sereníssima. Jacob Bolk ficou olhando, da *loggia*, o movimento das gôndolas, cujos tendaletes vermelhos chamejavam ao sol. Então, o gentil-homem que o servia, ao aproximar-se para lhe encher a taça de um precioso vinho de Chipre, disse-lhe, quási em segrêdo:

— *Messere* Jacob, eu conheço um pintor em Veneza.

— Tu?

— Um velho, que herdou a arte e a longevidade de Ticiano.

— E êsse velho sabe pintar mulheres?

— Todos os pintores da Itália sabem pintar mulheres.

Jacob Bolk levou aos lábios a taça, passou a mão pela barba grisalha, em ponta, como

as dos síndicos de Rembrandt, ergueu a sua corpulenta figura negra, pôs na cabeça o largo sombreiro holandês, e emquanto, vinda das bandas de S. Marcos, uma revoada de pombas passava sôbre o Grande Canal, disse ao gentil-homem, tomando-lhe o braço:

— Então, se ainda há um pintor em Veneza, acompanha-me, amigo.

*

Daí a pouco, a gôndola que conduzia Jacob Bolk e o gentil-homem, parava, para além do jardim da Zueca, à porta larga e armoriada dum velho pátio. O judeu e o seu companheiro apearam-se, subiram umas escadas sombrias, e, passados momentos, entravam na oficina de pintura de Matteo Ponzone. O venerando pintor, no alto duma escada, vestido duma ampla samarra vermelha sôbre cujo peitoral se desgrenhava a sua barba branca de apóstolo, dava os últimos toques de pincel nas figuras dum enorme retábulo

que representava a Virgem no Templo. Em baixo, sentado num dos primeiros degraus, outro artista moço, de olhos ardentes, pele bronzeada de napolitano, rodeado de tijelas de côres, trabalhava, a largas pastadas de tinta, na arquitectura da obra.

— Mestre Matteo! — exclamou o gentil-homem. — O camareiro-mor da Senhoria Sereníssima manda-me apresentar-te *messere* Jacob Bolk, mercador holandês, seu ilustre hóspede.

O velho pintor desceu, a cambalear, apoiado ao braço do discípulo. Ofereceu a *messere* Jacob uma cadeira de alto espaldar, ao gentil-homem um tamborete de couro, e, quando ambos se assentaram, disse, num sorriso de acolhedora benevolência:

— Sejam bemvindos Vossas Ilustríssimas. O que pretendem?

— *Messere* Jacob — esclareceu o gentil-homem — vem encomendar-te um quadro.

— A mim?

— Um quadro que pagarei a pêso de oiro, se me agradar, — acrescentou o rico mercador judeu, olhando o retábulo onde a figura

da Virgem, duma elegância mais florentina do que veneziana, subia, com profana graça, as escadarias de mármore do Templo.

— Vossa Ilustríssima veio da Holanda?

— Vim de Amsterdam.

— E é Vossa Ilustríssima tão generoso que, vindo da terra dos grandes pintores, encomenda um quadro a um desvalido pintor de Veneza?

— Os mestres holandeses não sabem pintar mulheres.

— E o ilustre Rembrandt? E o mestre de Harlem?

— Nenhum dêles sente a beleza da mulher.

— É um retrato que Vossa Ilustríssima pretende?

— Não. Quero um quadro representando uma mulher sem defeitos.

— Uma mulher sem defeitos?

Os quatro homens entreolharam-se. Jacob Bolk tamborilava com os dedos sôbre o punho de prata do bastão. Um raio de sol, entrando pelas vidraças da *loggia,* acendia clarões vermelhos na samarra de mestre Matteo, cuja

decrepitude sorria, entre desconfiada e benévola. Os olhos negros e ardentes do discípulo cravaram-se, curiosos, na fisionomia impassível do mercador judeu.

— Mas, uma mulher nua? — inquiriu, tìmidamente, o velho pintor.

— Inteiramente nua.

— E está Vossa Ilustríssima certo de que há no mundo uma mulher sem defeitos? Nem a «Venus deitada», de Ticiano, nem as divindades de Giorgione...

— Aceitas, ou não, a encomenda? — perguntou *messere* Jacob, levantando-se.

O velho pintor balbuciou, hesitante. As suas mãos descarnadas, manchadas de tinta, tremiam.

— Demoro-me três meses em Veneza. Antes de partir para a Holanda, voltarei aqui. E, se a obra me agradar, pago-a a pêso de ducados de oiro, melhor do que a pagaria o Papa!

Matteo Ponzone não respondeu. Então, o moço discípulo — Giovani Carboncino, era o seu nome — olhou o mestre em silêncio; e, quando percebeu que êle ia recusar, avançou

dois passos, fitou o mercador holandês, e disse, com a convicção e a audácia de que só é capaz a mocidade:

— Mestre Matteo aceita a encomenda.

*

Daí por diante, o velho pintor viveu apenas para o sonho dessa obra magnífica em que o seu pincel teria de criar, para a imortalidade, a imagem da mulher perfeita.

A primeira dificuldade era encontrar um modêlo. A perfeição, que êle ia representar sôbre a tela, tinha de ser um lampejo e um reflexo da perfeição de Deus. Durante muitos dias, pela oficina dêsse pintor decrépito desfilaram os corpos nus de tôdas as cortezãs de Veneza, de tôdas as belas mulheres — actrizes, *gentildonne* — que, acedendo à súplica dum velho, se resignaram a poisar a asa branca dos seus pés descalços sôbre a tapeçaria de Palermo que recobria os tejolos do chão. Uma teoria de corpos harmoniosos

passou, ondulando, diante dos olhos senís de mestre Matteo: todos os ritmos, tôdas as formas, todos os cánones da beleza imortal, a palpitação gloriosa da carne nua em todos os tons — branco de cisne, cobre ardente, mármore rosado, ouro fulvo —, tôda a estatuária da nudez pagã, como se na oficina do velho pintor tivessem entrado as bacantes duma festa campestre de Giorgione, como se a paisagem luminosa das lagunas se tivesse despovoado de dríades, de nereidas, de oréades mitològicamente nuas. Aos corpos delgados das florentinas, corpos de Botticelli, dum branco doente de velho marfim, sucediam-se os torsos e as ancas possantes das romanas grandiosas, netas daquelas que dançavam nuas diante dos cardeais vermelhos de Leão X; agora, era a nudez fina e hierática das cortezãs egípcias e gregas, desfilando como as figuras do bôjo duma ânfora de Atenas; logo, a nudez orgulhosa e voluptuosa das escravas árabes, estátuas de bronze, com o seu forte nariz semita e os seus tornozelos musculosos; por fim, as venezianas risonhas, aristocráticas, pintadas de loiro,

corpos de alabastro polido, ondulantes, mòrbidamente sensuais, movendo-se num ritmo incerto, como se andassem sôbre os seus coturnos de madeira doirada. Mestre Matteo, sentado na alta cadeira de espaldar, olhava-as; e a cada mulher que passava — deliciosamente, humanamente imperfeita — a sua cabeça veneranda oscilava numa expressão de desânimo, e os seus lábios murmuravam:

— Nenhuma serve! Nenhuma serve!

Certa tarde, em que diante do velho artista se desnudara a mulher mais bela de Veneza, Pia Arnani, que possuia — diziam os poetas — uns ombros de deusa e um corpo semelhante ao da Vénus de Médicis, mestre Matteo perdeu tôda a esperança, chamou o discípulo, que trabalhava na oficina ao lado, e disse-lhe, sucumbido:

— Giovanni, resolvi não pintar o quadro.

— Porquê, mestre?

— Não encontro modêlo.

— Eu vi tantos e tão belos!

— Nenhum é perfeito. Como hei de eu pintar a perfeição, se o próprio Deus não conseguiu criá-la?

A tarde declinava. Bateram horas no Campanilo. No céu doirado como os mosaicos bizantinos de S. Marcos, revoavam pombas. Giovanni fixou no velho pintor os olhos ardentes de napolitano, e perguntou-lhe:

— É a tua última palavra, mestre?

— É a minha última palavra. Não pintarei o quadro.

— Nesse caso, pinto-o eu!

*

Durante muito tempo, Giovanni viveu misteriosamente encerrado na sua oficina. Escolhera um dos modêlos rejeitados pelo seu próprio mestre, uma bela cortezã siracusana, e — a não ser essa mulher — ninguém mais, nem o velho Matteo Ponzone, pôde entrar no aposento onde êle trabalhava. Um dia, o moço pintor apareceu na oficina de mestre Matteo com duas taças de prata cheias de vinho, deu uma ao velho artista, e exclamou:

— Pela Madona! Bebe à minha saúde!

— Terminaste o quadro?

— Terminei.

— E tens a certeza de que pintaste uma mulher perfeita?

— Tenho.

— Com a siracusana por modêlo?

— Eu estudei filosofia. A perfeição obtém-se mais fàcilmente tirando alguma coisa, do que acrescentando alguma coisa.

Sem compreender a frase sibilina, Matteo olhou o jovem pintor, receoso de que êle tivesse endoidecido. Depois, levou aos lábios a taça, enfiou na cabeça o seu barrete vermelho, e ia a encaminhar-se para a oficina do discípulo, quando Giovanni o deteve, num gesto:

— Perdão, mestre. Antes de chegar o mercador holandês, não mostro a obra a ninguém.

— Nem a mim?

— Nem a ti.

Poucos dias depois, justamente quando se completavam os três meses sôbre a encomenda do quadro, Jacob Bolk bateu à porta do pintor. Logo que a figura do judeu holan-

dês, enorme e vestida de negro, assomou na oficina, o velho Matteo confessou-lhe que, não tendo encontrado nenhum modêlo perfeito, desistira de executar a obra. Tôdas as belas mulheres, que enlouqueciam Veneza, possuiam corpos defeituosos. Seria da sua parte estultícia pretender realizar uma perfeição que o próprio Criador não havia atingido. Um seu discípulo, porém — disse êle — mais audacioso e mais moço, tomara nas suas mãos ainda débeis o encargo de pintar o quadro, honrando o nobre mercador que, com a generosidade de um Médicis, o encomendara. E mestre Matteo concluiu, apontando Giovanni Carboncino:

— Eis o moço artista, senhor.

— És, na verdade, ousado! — exclamou Jacob. — Pintaste, então, uma mulher sem defeitos?

— Pintei.

— Nesse caso, amigo, vamos vê-la.

O mercador e os dois pintores entraram na oficina contígua, onde trabalhava Giovanni. Em frente da porta, um grande quadro, oculto por uma velha tapeçaria, parecia espe-

rar as mãos indiscretas que haviam de violar o seu mistério. O jovem pintor avançou, e, num movimento rápido, descobriu a tela. Diante dos olhos espantados de mestre Matteo e do mercador, apareceu, numa opulenta pintura em que parecia ressurgir o génio veneziano, um corpo de mulher — sem cabeça.

— *Per bàcco!* Falta-lhe a cabeça! — exclamou, horrorizado, o velho mestre.

— Bárbaro! — rugiu Jacob Bolk. — Porque não pintaste a cabeça a êste corpo tão belo?

Sem se perturbar, perfilado junto da tela, Giovanni respondeu, sorrindo:

— Porque Vossa Ilustríssima queria uma mulher sem defeitos, e a cabeça é o maior defeito da mulher.

A MÃE VERDE

A MÃE VERDE

No meu último passeio pelo alto Minho, conheci um excelente velho, João Maldonado d'Anha, fidalgo que tinha o seu solar em Melgaço, com grande casa de lavoura, e que, sabendo-me hóspede duma terra que êle considerava sua, pôs à minha disposição o seu automóvel.

— Vamos hoje a Paderne? — disse-me êle um dia, depois do almôço, quando, sentados nas nossas cadeiras de junco, olhávamos a vaga névoa azul que envolvia, no horizonte distante, a serra galega de S. Fins.

— Tem alguma coisa que ver?

— Uma árvore.

— Árvores, há em tôda a parte.

— E um convento em ruínas.

— Nesse caso, vou.

— Pois olhe que a árvore ainda é mais bela do que o convento. Uma nogueira que deve ter seis séculos.

O carro esperava-nos já, na estrada. Faiscavam os metais da *limousine*. Ladravam cães. Vindos de Arbo, pequeno lugar fronteiro, uma gaita-de-foles e um bombo — a *música del país* — tocavam uma *muiñeira* monótona. Acabei de fumar o meu cigarro e, para me livrar dos cães e da música, consenti no passeio.

— Vamos lá ver, então, a árvore de Paderne!

Daí a pouco, o automóvel levava-nos, deixando para trás de nós uma nuvem de poeira. Fomos subindo a montanha, por uma estrada de curvas apertadas, vendo de quando em quando serpear lá baixo, agora entre fraguedos negros, logo entre pinhais verdejantes, a fita de prata do rio Minho. As voltas eram tantas que, por várias vezes, desorientado, não percebi para que lado ficava Espanha e para que lado ficava Portugal. Passámos a ermida da Senhora da Ourada, jóia romano-visigótica cuja pedra,

desde a sineira da empena até às arquivoltas do pórtico, parecia escorrer ouro ao sol, — e cortámos à mão direita por uma congosta aberta entre latadas sombrias, para além das quais, dum lado e doutro, se alongavam os campos de milho, dum verde metálico, e surgiam de espaço a espaço os «canastros» — espigueiros minhotos montados sôbre pilarões altos de granito — em que os pequenos lavradores enceleiram o pão. A atmosfera refulgia. Num casal, mulheres de saiote amarelo, loiras como galegas, cantavam, espadelando o linho. Dez minutos depois, chegávamos a Paderne.

Uma mão-cheia de casas negras a cabrejar numa encosta fragosa, já nos primeiros contrafortes das serras de Permedelo e da Tenreira; e, ao alto, junto dum solar com a pedra-de-armas dos Castros Menezes, um convento velho, morada, primeiro das monjas de Dona Paterna, depois dos frades crúzios, que o habitaram a partir do século XIII. Paderne, inteira, estava ali. Visitámos, numa loja escura, abarrotada de pipas como uma adega, o senhor Brás — o homem rico da

terra — velho de oitenta anos, risonho, dono e senhor de tudo aquilo, os olhos redondos e vivíssimos, a cabeça atada num lenço vermelho como certas figuras de Goya; e, logo que o meu companheiro cambiou, nas mãos do velho, um dinheiro espanhol que trazia, dirigimo-nos para o convento, a pé, seguidos de um garoto a quem o senhor Brás confiara a chave daquela morada monástica, — uma chave enorme, roída de ferrugem, que outrora ferrolhara, suspensa da correia de Santo Agostinho, à cinta dos frades porteiros-maiores. O edifício, pròpriamente, não tinha nada de interessante, a não ser o tecto mudejar da igreja, o portal românico e o cadeirado do côro: era um casarão enorme, incaracterístico, em parte destelhado, que, nos dois lados ainda cobertos do cláustro, servia de celeiro e de palheiro. Vimo-lo a correr, porque o velho Maldonado tinha pressa de descer à horta. Quando chegámos a êsse paraíso, que mais parecia de frades seráficos — tão maltratado agora! — com as suas videiras, a sua fonte de água cristalina (frigidíssima sempre, mesmo no ardente verão),

os gorgeios dos seus pássaros, a serenidade acolhedora dos seus poiais de pedra, — o meu amigo deu alguns passos, estacou, levantou os olhos e disse-me, tirando respeitosamente o chapéu:

— Ora aqui tem a nogueira de Paderne!

Olhei. De facto, a meio da horta, isolada, erguia-se uma árvore venerável, árvore de bosque sagrado, cujo tronco, gigantesco, harmonioso, lançado com a nobreza duma coluna, rebentava ao alto em braçadas fortes, atiradas em atitudes humanas de súplica e de imprecação, e se coroava duma côma frondosa, viridente, arfante, onde as pequenas folhas, no movimento da aragem, buliam e scintilavam. A velhice do córtex, rugoso, sêco, estalado, fendido, pulverulento, babujado de líchens como uma ruína, era compensada pelo aprumo do tronco, pelo viço da fronde, pela fôrça das ramadas, pelo vigor das raíses, que se viam, que se adivinhavam em corcovas na terra, dois metros ao redor, revolvendo, estrangulando, sorvendo o húmus, parecendo querer rebentar os torrões e as pedras no seu abraço, como tentáculos

dum polvo formidável. Mal nos acercámos, uma revoada pipilante de pássaros saiu da velha árvore. Tudo concorria para comunicar àquele tronco patriarcal, vestido na sua casca dura e negra como um gigante numa armadura de ferro, a vibração, o frémito da vida: as fôlhas, bulindo; as aves, gorgeando; o arrepio da aragem; a exalação de frescura; o próprio murmúrio da seiva — alma verde da floresta — que nós pressentimos subindo, desde a mais funda radícula, húmida de terra, até ao mais alto ramo, doirado de sol. Que mãos piedosas de freira ou de frade teriam plantado essa árvore — tão velha, talvez, como o mosteiro — que ainda teimava em viver, quando, em volta dela, tudo era já morte e ruína, os homens, as crenças, as tradições, as próprias pedras, o próprio Deus? Perante essa velha avó de seis séculos, irmã do castanheiro célebre de Figueiredo-das-Donas, eu compreendi o gesto religioso do meu amigo, e ia a descobrir-me também, quando o garoto que nos acompanhava, espantado da nossa adoração, nos jogou, num riso alvar:

— É uma árvore velha. Vão botá-la abaixo àmanhã.

— O quê? Vão cortar esta árvore? — rugiu o velho Maldonado d'Anha, trémulo, fitando o rapaz.

— Não sei. Foi o senhor Brás que mandou.

— A nogueira de Paderne?! Então o senhor Brás manda cortar a nogueira de Paderne, e o povo não se revolta, e os sinos não tocam a rebate?

O honrado homem, apoplético de indignação, tremendo da cabeça aos pés, avançou para o garoto, a bengala no ar, como se êle tivesse a responsabilidade do crime que se projectava. Depois, caiu em si; enxugou com o lenço de Alcobaça a fronte inundada de suor; e, pedindo-me que esperasse um instante por êle, deitou a correr pela horta, seguido do rapaz, a gritar, em altos brados:

— Destroem tudo! Dão cabo de tudo, neste país!

Fiquei sòzinho naquele quintal de frades, sentado num dos bancos de pedra, a olhar em silêncio a grande nogueira condenada. O que a árvore é para o homem, e como o ho-

mem, na sua ingratidão, lhe paga mal! É ela que o veste, que o alimenta, que lhe dá a frescura das sombras, a polpa ressumante dos frutos, o arado romano da lavoura, o poceiro das vindimas, o carro, a nora, o barco, o berço em que êle nasce, o esquife em que o enterram; é a árvore que o protege dos ventos, que purifica e embalsama o ar que êle respira, que nas longas noites de inverno se desfaz em brasas para o aquecer; é a sua companheira, a sua amiga, a sua irmã; — e, apesar disso, com que dureza de coração êle a fere, e a lacera, e a maltrata, e a abate inùtilmente, só pelo prazer bárbaro de destruir, pelo instintivo rancor a tôda a criatura viva que, na superfície da terra, se eleve a maior altura do que êle! Se não existisse a árvore, o homem, criação da «idade-de-oiro», não teria podido sobreviver. Que seria do felpudo, do ingénuo pitecantropo erecto, *missing link* entre o antropoide e o homem, se a árvore o não abrigasse dos temporais, se as fôlhas o não vestissem, se o não alimentassem os frutos, — a êle, que ainda não sabia matar com tanta perfeição como o seu

feroz descendente, nem com o grão das searas levedar o pão, nem com o bago da uva fermentar o vinho? Depois de Deus, foi a árvore — a Mãe verde — que fêz o homem; que o nutriu aos seus peitos; que o embalou no seu regaço; que, com a música dos ninhos, o ensinou a cantar e a chorar. Nas primeiras idades, nas primitivas civilizações — eu bem sei — o homem adorou a árvore, construiu no meio dos bosques os seus templos brancos, sagrou os loureiros, os carvalhos, os ciprestes, povoou a floresta dos seus deuses, — faunos hirsutos, silvanos risonhos, dríades e amadríades nuas, cujos corpos brancos rebolavam voluptuosamente na relva fresca. Mas os deuses passam depressa — que seria de nós se assim não fosse! — e o homem, emancipado, esqueceu-se de que devia tudo à árvore. Os descendentes dos velhos dendrólatras tornaram-se arboricidas. O próprio espírito cristão, considerando o culto dos bosques uma concepção pagã, contribuiu para a guerra às árvores. Por tôda a parte, em todos os continentes, os criadores de cidades modernas derrubam troncos, arrazam

florestas, teem — como os marroquinos — a obsessão da planície árida, escalvada, tisnada do sol. E, entretanto, nós precisamos cada vez mais da árvore. Se já não dependemos imediatamente dela, se ela já não nos abriga sob a sua copa frondosa, se já não nos proteje das feras e das tempestades (hoje, o grande senhor do mundo habita palácios e devora cadáveres), nem por isso a árvore deixa de ser útil ao homem. Que seria de nós, se as florestas não regulassem o regime das chuvas, não impedissem a desnudação das rochas, não dirigissem o curso das nascentes de água, não purificassem a atmosfera, não corrigissem a temperatura, não dessem à natureza essa espiritualidade, êsse sentimento edénico, que nos fazem achar doce a vida e belas as paisagens? É pelas árvores — mais do que pelos prados ou pelas montanhas — que se comunica à nossa alma o sentimento fraterno da natureza. Por isso os artistas as sentiram e as amaram sempre. Por isso Petrarcha mandou plantar um loureiro sôbre o túmulo de Vergílio. Por isso Tolstoï pediu que lhe dessem uma sepultura

humilde «rodeada de árvores». Foi essa emoção profunda que fez dizer a Ruskin: — «Plantai árvores, para dar sombra à humanidade de àmanhã!» Eu mesmo, que naquele instante, sentado no poial de pedra da horta dos frades, olhava, com os olhos marejados de lágrimas, a nogueira centenária de Paderne, estava possuído de um sentimento difícil de traduzir em palavras. Já não era apenas uma árvore que eu via; era a floresta inteira; era, na floresta imensa, germinada, brotada em exaltação e em glória, a terra fecunda de Portugal, a própria alma da pátria. Diante dos meus olhos, num deslumbramento, erguiam-se, ramalhavam, resplandeciam, coroados de nimbos, cercados de auréolas como gigantes beatificados, os freixos, árvores da morte, que deram as lanças a Nun'Alvares; os pinhais de D. Denís, que se desfizeram em remos e em mastros para as caravelas do Infante navegador; os castanheiros, os cedros, as cerejeiras, os sobreiros, os carvalhos em cujo lenho mãos de epopeia ou de humildade entalharam o báculo refulgente de frei Bartolomeu dos Mártires, abriram

o tabuado forte das naus da Índia, cortaram as cruzes dos missionários, as hastes dos pendões de guerra, as varas do pálio chispante de oiro que cobriu a glória imperial de Albuquerque; tôdas as árvores, emfim, que foram enxadas nas mãos do povo, retábulos nas velhas catedrais, bailéus nas tôrres dos castelos, cimbros nas ogivas esbeltas de Santa Maria da Batalha, — as maravilhosas ogivas que a minha imaginação exaltada julgou ver por momentos, flamejantes de vitrais, erguidas em gestos de assunção e de bênção, nos ramos altos, nos troncos entrelaçados daquela nogueira enorme condenada a morrer...

Nisto, um ruído de vozes interrompeu a minha meditação. Era Maldonado d'Anha que voltava, acompanhado do garoto e do senhor Brás, em cuja cabeça, atada num lenço vermelho de Espanha, se via agora um grande chapéu minhoto. Vinha ligeiro, risonho, inundado de júbilo.

— Está salva a nogueira de Paderne! — gritou êle, de longe, abrindo os braços.

Tinha, de facto, comprado a árvore —

honrado homem! — com a condição de ela continuar a viver e a ramalhar, frondosa e majestosa, na horta dos frades crúzios. E quando eu pensava que o meu amigo, sempre de braços abertos, vinha abraçar-me com efusão, — foi para o tronco da velha nogueira que o vi caminhar: cingiu-o, estreitou-o, acariciou-o com as mãos robustas, encostou ao córtex verde de líchens a sua nobre cabeça branca, e chorou em silêncio, religiosamente, duas grandes lágrimas de alegria.

O sol queimava. Na scintilação da atmosfera, a fronde da grande nogueira erguia-se como um clarão, como uma labareda viva. E eu, comovido, olhando aquele abraço panteista de dois velhos, vi nele o perfeito símbolo da união fraterna e milenária da árvore e do homem.

O GENTLEMAN QUE MATOU A MULHER

O GENTLEMAN QUE MATOU A MULHER

É bem certo que o homem é um animal de hábitos. Habituei-me a uma certa mesa da casa de jantar do Ritz, e já representava para mim uma contrariedade ter de almoçar noutra. É a mesa do canto, ao lado esquerdo, junto da primeira janela, pôsto de observação duplamente agradável, porque se vê tôda a sala — a bela sala Império do Ritz, com as suas colunas de mármore e as suas grinaldas de bronze dourado suspensas do tecto — e porque o nosso olhar se distrai e se refresca de vez em quando na paisagem luminosamente verde de Green Park, cuja relva macia, incomparável de frescura, deve ser uma consequência do culto do inglês pelo tapete, se é que o tapete não é antes a expressão mais íntima do culto do inglês pela relva. Naquele dia fui almoçar mais cedo, e tive o

desgôsto de encontrar a minha mesa ocupada. Por uma mulher bonita, ao menos? Não. Por um homem vestido de preto, magro, distinto, pouco mais de quarenta anos, face rapada, de um moreno terra de Siena, cabelo preto já a embranquecer nas fontes, mãos fortes e bem cuidadas, tipo de italiano ou de francês do sul.

— Quer esperar que a mesa esteja livre? — perguntou-me o *waiter*, no mais profissionalmente amável dos sorrisos.

— Não. Almoço noutra qualquer.

Sentei-me, com efeito, à primeira mesa vaga que encontrei, e, emquanto o criado me servia umas ostras Morny, entretive-me a ver quem estava na sala. Cinco raparigas loiras, *Eton-crop* — uma delas de monóculo — de-certo americanas pela vivacidade com que conversavam; mais adiante, um judeu gordo, já meu conhecido de Brighton, acompanhado de uma rapariga trigueira e magra, vestida, como um rapaz, dum *sport-coat* côr de tabaco de Espanha; perto de mim, um par risonho de velhos ingleses (o criado tratava-o a êle por *my lord)* que solenizavam

talvez, na intimidade do seu Champanhe, alguma data venturosa; várias outras pessoas sem importância; — e, numa das mesas do centro da sala, no meio desta gente vulgar que se confundia com tôda a gente, apenas uma mulher curiosa, de perfil cortante, de sorriso esfíngico, que, mesmo sentada, dava a impressão de ser uma escultura, grande chapéu preto, uma capa de setim preto a envolvê-la tôda, a manga vermelha do vestido adivinhando-se apenas, como única nota de côr, — espécie de Vénus-Mefistófeles, impressionantemente parecida com a bela mulher que William Hutchinson retratou no seu quadro *The french cloak*. Foi para ela que se dirigiram, como é natural, as minhas atenções. Mas, quando eu a estava observando, notei que ela olhava com insistência o homem de negro que se assentava à minha mesa habitual, e — o que era mais singular — que o homem de negro olhava, com não menor insistência, para mim. Ela, seguindo a direcção do olhar dêle, acabou por me fitar também; de modo que, nesta distribuição triangular das nossas atenções, cada um de

nós constituia um centro de atracção e de interêsse para os outros dois. Evidentemente, nenhum dêles era inglês. Os ingleses, na sua esplêndida indiferença, possuem a arte de saber isolar-se; e, a não ser que os incomodem, não dão a menor importância ao que se passa à sua volta. A curiosidade é um vício essêncialmente continental. Os olhares que êles trocavam entre si, explicavam-se; havia de-certo, entre ambos, qualquer espécie de entendimento. A atenção de que eu era alvo por parte dêle — atenção, entretanto, discreta e delicada — é que só podia explicar-se se êle me conhecesse. Mas, as fisionomias humanas repetem-se com tal frequência e segundo tipos tão constantes, que se podia tratar duma simples confusão com qualquer pessoa parecida comigo, porque eu próprio, durante a minha permanência em Londres, parava muitas vezes na rua com a impressão de que via, a cada passo, caras conhecidas. Com franqueza, eu não me lembrava de ter visto nunca semelhante homem; e, por mais que o observasse, não descobria na sua elegância sóbria e severa, no seu perfil de meda-

lha romana, nas suas feições duras reveladoras de uma vontade forte, no seu sorriso em que havia por vezes uma expressão de orgulho sombrio e de *morgue* melancólica, qualquer traço que acordasse as minhas reminiscências. Como êle continuasse a olhar-me, perguntei ao *waiter* se o conhecia.

— Sim, senhor, — respondeu o criado, com a concisão de todo o bom inglês, que só responde àquilo que lhe perguntam.

— Quem é?

— É o *gentleman* que matou a mulher.

— Quem?

— O *gentleman* que matou a mulher, — repetiu êle, imperturbável, como se tivesse dito a coisa mais natural do mundo.

— Mas é inglês?

— *Oh, no, sir!*

O facto de eu julgar possível que um inglês matasse uma mulher, pareceu-me ter ferido a susceptibilidade do criado, um rapaz ruivo, de cabelos quási vermelhos, que corou — pelo menos tanto como os cabelos — rodou sôbre os calcanhares, e foi, solìcitamente, acender o cigarro de uma das americanas. Con-

cluí que o pobre *waiter* não conhecia as mulheres de Henrique VIII, nem mesmo na colorida pantomima do *Kit Cat Club,* e fiquei a pensar naquele título de fita de cinema, que seria para mim um motivo de espanto, se eu não tivesse esgotado, em cinco meses de Londres, tôda a minha capacidade de admiração. Com efeito, em Londres o inverosímil não existe e é possível tudo, — até que o «*gentleman* que assassinou a mulher», em vez de ter sido pontualmente enforcado ou entregue às honradas ocupações do *hard-labour,* estivesse ali, àquela hora, sentado a uma mesa do Ritz, comendo, com tôda a tranquílidade, um *grouse* da Escóssia elegantemente podre, ou um opulento *tournedos Cambacérès.* Inútil dizer que eu dei à informação do criado a importância que ela merecia; entretanto — tal é a fôrça da sugestão! — quando voltei a observar o homem de negro, os traços da sua fisionomia pareceram-me ainda mais duros, o olhar mais inquieto, os lábios delgados e cruéis, e a mão, que amarrotava o guardanapo, mão possante e felpuda, sem uma jóia, deu-me a impressão

de uma pata crispada de fera. É bem certo que, por muito pessoal que seja a nossa observação, aquilo que nos dizem modifica sensìvelmente aquilo que nós próprios vemos. Logo que acabei de almoçar, levantei-me e fui tomar café para o *smoking-room*, uma sala pequena, contígua ao salão de jantar, onde tudo é proporcionado e harmonioso, as plantas, os tapetes, as mesas Império que, com dois Maples, ocupam cada canto, e, sobretudo (o que a torna um lugar mais de concentração do que de convivência), a fusão de todos os tons numa penumbra doirada e discreta, — aquela penumbra característica da intimidade, que os modernos pintores ingleses de interiores, John Lavery, Richard Jack, Stuart Somerville, tanto se comprazem em realizar nos seus quadros. Mal eu tinha tomado o primeiro gole de café, o homem de negro entrou na sala e dirigiu-se a mim.

— Estou tão mudado, que nem tu me conheces! — disse êle, caminhando ao meu encontro, de braços abertos.

— Miguel! Pois és tu?

Pode o tempo, realmente, modificar uma

fisionomia a ponto de a tornar irreconhecível; mudam as feições; muda a côr dos cabelos; mudam os gestos; muda a própria expressão; — mas a voz, essa, será sempre a grande reveladora, porque o seu timbre não muda nunca. Afinal, o misterioso homem de negro era o meu velho amigo Miguel de Albuquerque, que eu não via há vinte anos, e que acontecimentos desagradáveis da sua vida tinham levado a sair de Portugal, onde nunca mais voltara. Estreitámo-nos num longo abraço, que nos comoveu a ambos. Era a primeira vez que nos víamos depois do triste dia do seu julgamento e da sua absolvição nos tribunais de Lisboa; o abraço que trocávamos vinte anos depois, em terra estrangeira, não podia deixar de trazer comsigo a recordação de horas bem dolorosas. Não se tinha enganado o *waiter:* estava ali o «*gentleman* que assassinara a mulher»; e êsse *gentleman* não era, de facto, um inglês glacial e formalista, mas um português impetuoso e apaixonado na defesa da sua honra. Ao sentir a mão de Miguel de Albuquerque tremer na minha, eu adivinhei

que pelo seu espírito passava a lembrança amarga da mulher que tinha inutilizado a sua vida inteira — mulher tão frágil, tão cândida, tão angèlicamente loira, que ninguém a diria capaz da traição mais abjecta — e que êle prostrara a tiros de revólver, talvez ainda porque a amava demais para a deixar sobreviver à sua própria vergonha. Há, nestes grandes dramas, pequenos factos que, quando o tempo já tudo apagou, o nosso espírito fixa ainda. Eu já talvez não pudesse reconstituir na minha memória a figura dessa mulher; e entretanto, no momento de abraçar Miguel, recordei, revivi, tão nítido como se tudo se tivesse passado na véspera, o pormenor que, vinte anos antes, na noite horrível do crime, mais me impressionara. Depois de transportada a morta para o hospital, à cabeceira do leito ainda morno, onde as formas do seu corpo se desenhavam, via-se uma brochura amarela: era — singular coincidência! — a *Sonata de Kreutzer,* de Tolstoï.

— Eu sabia que estavas em Londres — disse Miguel de Albuquerque, sentando-se

ao meu lado. Mas não te procurei, porque não procuro ninguém.

— Nem os amigos?

— Os amigos devem ter mudado tanto como eu. E eu hoje sou um homem completamente diferente daquele que tu conheceste há vinte anos.

— Estás mais velho.

— Pelo contrário. Sinto-me mais novo. Eu era um pessimista violento, uma espécie de selvagem sentimental, e agora formo da vida um conceito generoso, tolerante e amável. Aos vinte e cinco anos, quis matar-me, e matei. Hoje, acho que é excelente viver e deixar viver os outros.

— Em todos os casos?

— Em todos os casos.

— Entretanto, matando, tu praticaste um acto que a tua dignidade de homem te impunha.

— Não. Pratiquei simplesmente um acto injusto e covarde.

— Mas os tribunais absolveram-te!

— Conheço um juiz que me condena todos os dias: sou eu. — Queres fumar?

Miguel de Albuquerque, num sorriso triste, estendeu-me a sua pequena cigarreira de ouro. Quando acendíamos os nossos abdullas, as cinco raparigas americanas, rindo e fumando, atravessaram as salas. Havia, no movimento dos seus corpos, uma graça tão luminosa e tão melodiosa, que eu tive a impressão de que os seus vestidos eram transparentes, e de que passavam por diante de nós, numa revoada loira, descalças sôbre os tapetes silenciosos, cinco discípulas de Isadora Duncan. A própria penumbra pareceu agitar-se, num arrepio. Estremeceram voluptuosamente as fôlhas das palmeiras. Tinham bastado a asa dum perfume e um frémito de sêda, para que, naquela sala morta, despertasse a vida. Miguel de Albuquerque olhou-me, adivinhou o que se passava no meu espírito, e disse, apontando as cinco americanas que desapareciam já na luz doirada do *hall:*

— Há lá o direito de matar uma mulher!

— E quando ela atraiçoa?

— A pena de morte tem de desaparecer do amor, meu amigo. Em primeiro lugar,

quem a aplica, aplica-a com paixão e sem julgamento. Em segundo lugar, nesta espécie de crimes, a mulher é a menos culpada, porque é a menos responsável. Os verdadeiros responsáveis somos nós, tu, eu, nós todos, que a educamos mal, que a perturbamos, que a perseguimos, que a viciamos, que a ensinamos a enganar e a mentir, e que acabamos por acusá-la duramente de ser aquilo que nós quisemos que ela fosse. Eu ensanguentei as minhas mãos a punir um crime que, afinal, era o meu.

— É uma moral perigosa.

— Menos perigosa do que aquela que me levou a matar.

— Como tu mudaste, em vinte anos!

— Vivi. Eis tudo. Vivi.

Miguel de Albuquerque recostou a cabeça no Maple e ficou um momento silencioso, seguindo o fumo azul do cigarro. Passaram os dois velhos, risonhos, de braço dado, ela levemente tonta de Champanhe, marchando ao compasso do *jazz-band,* êle de charuto na bôca, orgulhoso como se levasse pelo braço a mais bela mulher do mundo.

— É preciso ser-se velho, como aqueles que ali vão, para conhecer o valor da vida, — continuou o meu amigo. É preciso viver. Quando eu saí de Lisboa, há vinte anos, sob o pêso de um drama horrível, tendo sofrido tanto por causa duma mulher, que julguei ter excedido a capacidade do sofrimento humano, a minha única preocupação — bárbaro sentimental que eu era! — foi vingar-me sôbre tôdas as mulheres, implacàvelmente, da afronta que recebera duma só. Nada mais fácil. Vim viver aqui no melhor meio; o embaixador do Brasil, ainda nosso parente, abriu-me tôdas as portas. Eu era então um bonito rapaz, com êsse tipo bronzeado de meridional que faz perder a cabeça às inglesas, e, além disso, trazia comigo o prestígio dum romance de paixão que logo tôda a gente conheceu, porque Londres — a gigantesca Londres — não passa de uma aldeia de seis milhões de habitantes. A princípio, julguei que a triste história do meu passado desviaria de mim as atenções femininas. Engano. A mulher tem a atracção do abismo; a catástrofe interessa-a e perturba-a; e eu depressa re-

conheci o formidável domínio, a fôrça irresistível de atracção que exerce sôbre o espírito de tôdas as mulheres o homem que um dia, no desvairamento da paixão, assassinou uma mulher. Êsse sentimento — se é que lhe posso chamar assim — feito, não apenas da sedução do perigo e do mistério, mas da volúpia instintiva e quási maternal de amparar e de proteger um homem que sofreu, atirou para os meus braços, loucas de amor, algumas das mais belas mulheres de Londres. Quantos corações eu despedacei, como débeis flores, entre os meus dedos, só pelo prazer cruel de corromper, de maltratar, de ver o crime duma expiado por tôdas! Ah, meu amigo! Mas não tardou muito que o meu baixo instinto de vingança se convertesse num sentimento de infinita piedade. Quando tive a desgraça de matar uma mulher — confesso-to agora — eu não conhecia ainda as mulheres. Só quando as vi sucumbir como pombas de sacrifício; entregarem-se, como autómatos, impelidas por uma fôrça estranha à sua própria vontade; cair como frutos sazonados que apenas obedecem à

fatalidade duma lei de atracção, — é que eu comecei a conhecê-las, a compreendê-las, a ter a noção exacta da sua fraqueza e da sua irresponsabilidade. A queda duma mulher, se procurarmos bem, é sempre a obra da corrupção de um homem. Organismos criados já pela natureza para não poderem defender-se, são tanto mais perfeitas quanto menos sabem resistir. Será justo puni-las pelo crime de terem nascido belas e frágeis? Não. Assassinar é sempre ignóbil; mas assassinar a gentileza e a graça é monstruoso. Se eu tivesse de aconselhar um filho, dir-lhe-ia: «Há uma mulher que se tornou indigna de ti? Afasta-a, passa e esquece». É o verso eterno de Musset: «*Au défaut du pardon, laisse venir l'oubli*». Já não posso cobrir de flores uma sepultura que abri há vinte anos; mas lanço-as aos pés das mulheres belas que passam no meu caminho, que me dão a ilusão de um prazer vagamente parecido com o amor, e que me ajudam a transformar a vida numa aventura elegante e num sorriso ligeiro. A última, meu amigo, vem aí.

Olhei a porta. Era a mulher da capa negra que vinha entrando, olímpica, desdenhosa, ornamental. Atravessou a sala, no andar coleante característico de tôdas as mulheres que um dia foram bailarinas; ao passar, para que o seu enérgico pérfil de marfim doirado se recortasse melhor sôbre o veludo negro da aba do chapéu, ergueu sàbiamente a cabeça e voltou-a um pouco para nós; adivinhava-se, debaixo daquele *french cloak* que parecia de facto ter inspirado a bela pintura de Hutchinson, uma nudez forte e harmoniosa, mas impassível e fria. Miguel de Albuquerque levantou-se, sorriu, cumprimentou discretamente, deixou-a passar, e perguntou, estendendo-me a mão trigueira:

— Não te parece que tenho razão?

— Parece-me que o homem só perdoa quando não ama.

— Talvez...

— Para matar uma mulher, é preciso amá-la apaixonadamente...

HISTÓRIA DUMA PORTA ABERTA

HISTÓRIA DUMA PORTA ABERTA

Os homens dizem que as mulheres são obstinadas e teimosas. Longe de mim o propósito de os desmentir. Êles, porém, não o são menos; e, para o provar, vou contar-lhes uma história dos velhos tempos, proveniente talvez dalguma anedota italiana ou bretã do século XV, que correu tôdas as lareiras de Portugal, e que eu, ao folhear os meus papéis, nunca recordo sem um sorriso. A história é divertida e tem a graça ingénua das antigas pinturas de vitral.

No tempo em que os homens se vestiam de ferro e as mulheres de candura e de graça religiosa — em plena Idade-média — um lavrador moço, de nome Pedro, que estava casado de fresco com a filha doutro lavrador velho seu vizinho, chamada Sancha, viviam no viçoso Ribatejo, ricos de manadas de bois e de

récuas de cavalos, numa pequena casa que ficava no cruzamento de quatro caminhos e que parecia, vista de longe, uma pomba branca pousada sôbre a grande lezíria verde. Lavradores, nascidos em tempos patriarcais — e, para mais, noivos — Pedro e Sancha costumavam deitar-se cedo. Naquela noite, mal as sombras tinham descido sôbre a terra e os rouxinois começado a cantar, Pedro, que acabara de recolher o gado, olhou Sancha; Sancha, que fiava, assentada no poial da porta, olhou Pedro; entenderam-se sem falar, porque bastou que falassem os olhos; e abraçados, risonhos, felizes — a sadia felicidade da natureza em flor — entraram em casa, resolvidos a deitar-se ainda mais cedo e a adormecer ainda mais tarde do que de costume.

Eu não sei se fazem idea, pelas pinturas dos velhos livros iluminados — sobretudo dos Calendários e dos Livros-de-Horas medievais — do que era, na Idade-média, a habitação de um lavrador. Tudo junto — com a abegoaria, o lagar, a adega, a alqueria onde se guardavam as alfaias de lavoura, os celeiros cheios de cruzes como capelas — ocupava grande es-

paço; mas pròpriamente a casa de habitação era tão pequena, que, diziam êles, cabia na palma da mão de Deus. Um compartimento apenas; e, nesse compartimento de bárbara silharia, não havia lugar senão para a lareira, — que era o confôrto; para o leito, — que era o descanso; para a arca, — que era a abundância; para o oratório, — que era a fé. Na casa de Sancha e de Pedro, a lareira mal chegava para êles caberem ambos, ceando a sua tijela de caldo e a sua conca de mel; em compensação, o leito, de dois ou três almadraques, coberto duma cócedra rica de pano vermelho de Granada, era bastante largo para os não obrigar a dormir abraçados quando isso não fosse da sua vontade; e, para que tudo se acomodasse melhor, o oratório — um pequeno tríptico de Flandres, herança dos pais e dos avós — estava armado sôbre a arca de grosseiras ferragens de Guimarães, como se os dois noivos tivessem querido reùnir, no mesmo canto do lar, os bens do corpo e os da alma, que são, como quem diz, — a riqueza e a oração. Ora, naquela noite — como em tôdas as noites, depois que

o clérigo os casara — foi a êsse lar humilde que Pedro e Sancha se acolheram, com a ingénua simplicidade e a alegria fecunda com que os pássaros se acolhem aos ninhos e as feras aos covís, para se amarem na paz do Senhor.

Tinham-se já deitado, castamente despidos como ordenava a moral canónica do tempo, e maritalmente cobertos pela sua grande alfola vermelha mourisca, quando Pedro reparou que a porta da rua estava aberta.

— Deixaste a porta aberta, — disse êle à mulher.

— Não fui eu, foste tu, — respondeu Sancha, verificando que, com efeito, através duma frincha da porta, se via o céu estrelado.

— Tu é que foste. E, para teu castigo, hás de ir fechá-la.

— Isso é que eu não vou. Tu é que deixaste a porta aberta, por conseguinte fecha-a tu.

— Mulher teimosa!

— Tu é que és teimoso.

— Que te custa ir fechar a porta?

— Não vou.

— Pois, então, fica aberta, porque eu também não vou.

Há três coisas, diz um poeta arabe, que difícilmente se vencem: um forte castelo, um bom cavalo e a teimosia duma mulher. Pedro, num arremêsso, voltou as costas à companheira, disposto a dormir sem fazer caso dela. Pela porta entreaberta viam-se as estrelas, cada vez mais vivas, e ouviam-se melhor os rouxinois cantando. Passados momentos, Sancha, que se acostumara a não adormecer emquanto os beijos do marido lhe não fechavam os olhos, disse-lhe, com ternura:

— Vai fechar a porta, anda...

— Vai tu. Hei de provar-te que não és mais obstinada nem mais caprichosa do que eu.

— Ainda havemos de ver qual de nós é mais. Olha que eu sou mulher...

— E eu sou homem. Verás. Quem fecha a porta hás de ser tu.

— Só se me obrigares pela fôrça.

— Não é preciso.

— Então, ou a fechas tu, ou fica aberta.

— Ainda que entre um lôbo cá dentro, eu não me levanto da cama.

— E eu, ainda que arda a casa, também não me levanto.

— Pois veremos. Queres tu fazer uma combinação comigo, à boa paz?

— Quero.

— O primeiro de nós que falar, vai fechar a porta. Combinado?

Sancha, com medo de perder, já não falou. Mas disse que sim com a cabeça, com tamanho júbilo e tanta convicção de que a victória, naquela divertida aposta, lhe havia de pertencer a ela, que a combinação ficou tàcitamente feita, os dois esposos reconciliados enlaçaram-se no mais sagrado dos silêncios, e um grande beijo de Pedro fechou a pequena bôca de Sancha, perfumada e vermelha como uma flor.

*

Passou-se tempo. Não sei quanto, — meia hora, uma hora. Pedro e Sancha tinham-se amado com o robusto e religioso furor de

dois esposos medievais, sem dizerem uma só palavra um ao outro, e — o que é mais — sem terem sentido a necessidade de a dizer. Para que servem as palavras, quando os beijos são eloquentes? Costumavam os dois, antes de dormir, rezar em voz alta as suas orações; mas, naquela noite, ambos de costas no leito, com as mãos postas e erguidas como pastores bíblicos em adoração, rezaram-nas mentalmente, sem moverem sequer os lábios. Que importam as palavras, quando se tem fé? Convencidos de que falar era, afinal, menos preciso à vida do que êles próprios imaginavam, deixaram-se adormecer, na paz de Deus, tranquilos e felizes.

De súbito, mal tinham fechado os olhos, um ruído forte acordou-os. Patas de cavalo escarvavam à porta; ouvia-se o ferrolhar duma armadura de guerra; o ferro duma lança bateu na ombreira, e, de fora, uma voz rouquejou:

— Ó da casa!

Era um cavaleiro, revestido das suas armas e montado num cavalo bardado de ferro, que vinha de jornada e que, chegado àquela en-

cruzilhada de quatro caminhos, hesitou sôbre qual dêles havia de seguir. Encontrou ali uma herdade; pela frincha da porta entreaberta via-se luz; bateu. Mas, por mais que batesse e tornasse a bater, não teve resposta. «É que não está cá ninguém», — pensou êle comsigo. Impaciente, meteu o conto da lança de encontro à porta, — e a porta abriu-se, de par em par. Á luz ténue da candeia, apareceu-lhe uma lareira carinhosa, um leito acolhedor, um retábulo flamengo cuja imagem parecia abrir-lhe os braços, hospitaleiramente. Curvou-se no cavalo, para ver melhor, e pareceu-lhe que no leito dormia alguém.

— Ó da casa! — gritou o cavaleiro. — Qual é o caminho para o castelo?

Mas os dois vultos, que estavam de costas sôbre a cama, nem se moveram, nem falaram. — «Estão a dormir profundamente — pensou o homem de armas —; tenho de me apear do cavalo para os ir acordar». Se bem o pensou, melhor o fêz. Essa tôrre blindada, que era um cavaleiro do século XIV, vestido de tôdas as armas menos do bacinete — que era costume pendurar do arção da sela e

substituir durante a marcha por um barrete alto de lã preta — desceu da montada, prendeu as rédeas a um argolão de bronze chumbado à grossa silharia da parede, encostou a lança à porta, e entrou na casa do lavrador batendo fortemente com as balugas de ferro no tejolo do chão. «Com êste barulho — disse êle — hão de acordar por fôrça!» Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, acercando-se do leito, viu um homem e uma mulher, imóveis, deitados de costas, com os olhos abertos, e tão acordados como êle.

— Pela Virgem! Se estão acordados, porque não me respondem?

Pedro e Sancha olharam para êle, depois olharam um para o outro, voltaram a olhar para o cavaleiro, e ficaram silenciosos. Na quietação profunda da noite, só se ouviam, fora, nas balsas, os rouxinois cantando. Cada vez mais admirado, o homem-de-armas, julgando que os moradores daquela casa eram ambos surdos, aproximou-se ainda mais do leito e gritou-lhes aos ouvidos, com tôda a fôrça dos seus pulmões:

— Qual é o caminho para o castelo?

Sancha tornou a olhar para Pedro; Pedro tornou a olhar para Sancha; olharam os dois outra vez para o cavaleiro, e ficaram mudos, impassíveis, como se não fosse nada com êles. Em pé junto do catre, os braços cruzados, o gorjal e as brafoneiras de ferro reluzindo à chama da candeia, o homem-de-armas fitava-os também, sem saber já o que pensar daquelas duas criaturas imóveis e silenciosas como as estátuas jacentes dum túmulo. Seriam surdos? Seriam mudos? Seriam loucos? Estariam a divertir-se com êle? Passou-lhe pela cabeça a idea de arrancar da espada e de a erguer sôbre a cabeça de ambos, para ver se o temor da morte os fazia falar. Reparando, porém, na beleza e na juventude da mulher — que continuava a olhá-lo, num sorriso ao mesmo tempo inquieto e gracioso, como o da Virgem-Doirada de Amiens — pensou que havia uma maneira mais agradável de a arrancar à sua mudez obstinada, e, curvando-se, beijou-a na testa. Mas — ó espanto! — a mulher e o homem não se moveram, nem os seus lábios se descerraram para pronunciar uma só palavra. Ao beijo

na testa, seguiu-se um beijo na face. O mesmo silêncio e a mesma imobilidade.

— Ah, sim? Não querem falar? — exclamou o cavaleiro. — Pois, meus amigos, se hei de ir em busca de outra pousada, fico aqui esta noite!

Marido e mulher olharam mais uma vez um para o outro, e conservaram-se mudos. Entretanto, o cavaleiro — a quem a aventura já interessava — começou, com a maior sem-cerimónia, a desembaraçar-se das suas armas. Desafivelou os rebraços e avambraços refulgentes; descalçou as pesadas balugas de ferro; despiu a forte cota de malha de Milão; e, sem que os dois esposos abrissem a bôca para protestar, meteu-se na cama.

*

De madrugada, já o céu principiava a azular-se e se apagavam as últimas estrêlas, quando o cavaleiro, vendo que eram horas de seguir viagem, se levantou do leito onde

tinha dormido ao lado dêsses dois entes mudos e insensíveis como as figuras de pedra do pórtico duma catedral. Vestiu a sua cota, ajoelhou diante do oratório, rezou as orações da manhã, pôs à bôca uma cântara de cobre cheia de vinho que encontrou ao canto da lareira, afivelou as armas, tomou a lança, e saiu.

Quando já se ouvia o tropear do cavalo, afastando-se na larga estrada cheia de sol, Sancha sentou-se no leito e, indignada, increpou o marido:

— Teimoso sem vergonha! Então tu consentiste que um homem dormisse tôda a noite ao meu lado?

Logo Pedro, com a maior serenidade do mundo:

— Falaste, vai fechar a porta!

ONDE É O PARAÍSO?

ONDE É Ó PARAÍSO?

Tem cinco anos o meu amigo Bob. Uns cabelos tão loiros, que são quási brancos; uns olhos tão redondos e tão azuis, que parecem de porcelana. Faz duas covinhas em cada face, quando se ri. É grave, sólido, robusto, reflexivo, sentimental. Nu, é uma miniatura de Hércules; vestido, com o seu casaco de flanela branca, a sua gravata preta (Bob está de luto) e as suas polainas felpudas de *highlander,* lembra um dêsses petizes precoces das estampas de Poulbot. Sempre que o vejo, observador, sisudo, de pernas abertas, mãos nas algibeiras, chapéu para a nuca, tenho a impressão de que naqueles três palmos de gente — há um homem.

Bob vive com os pais, numa quinta dos arredores de Lisboa onde há ricos azulejos. Tem uma irmã mais velha — Ninon já fêz os dezasseis anos — que se dá ares de

mamã de Bob e que namora um primo engenheiro, decidido a casar com ela antes de partir para Berlim. Porque a irmã, linda como uma pintura veneziana de Rosalba, podia quási ser mãe dêle, Bob — pequeno como é — não pensa senão em crescer e em se fazer ràpidamente um homem. A sua lógica infantil tem por vezes, a êste respeito, observações curiosas. No dia em que completou os cinco anos, não houve quem o tirasse de diante do grande espelho doirado do quarto de vestir da mãe.

— Que estás tu aí a fazer há tanto tempo, Bob?

— Estou à espera.

— Á espera de quê?

— De me ver crescer. Não cresci nada. Faço hoje anos, e ainda estou do mesmo tamanho de ontem!

*

Mas não era desta irmã — da graciosa Ninon — que êle mais gostava. O seu grande amor era a irmã pequenina, mais nova dois

anos do que êle, uma bonequita Lenci, frágil, risonha, tímida, com um grande laço côr de rosa nos cabelos, tipo dos bébés convencionais de que nos falam os poetas. Não tinha pela Dy (era assim que ela se chamava) um afecto de criança, como pela irmã mais velha; era um sentimento diferente, feito da convicção de que, dos dois, êle era o mais forte, e de que ela, delicada como uma flor, precisava da sua protecção. Os homens não amam verdadeiramente senão os entes a quem protegem; e Bob, amando a irmã, sentia-se um homem. A sua adoração chegava a ser incómoda. Não largava a pequena um momento; trazia-a sempre pela mão; dava-lhe todos os bôlos e todos os brinquedos que eram para êle; o seu primeiro cuidado, ao acordar de manhã, era perguntar pela Dy. Um dia, disseram-lhe que a irmã estava doente. Quis vê-la, e não o deixaram entrar no quarto. Chorou, desesperou-se; — tudo foi inútil. Da pequena alcova onde êle não podia entrar, saíam, de vez em quando, uns velhos vestidos de negro, que eram os médicos. Passaram-se dias. Certa tarde, quando brincava no

jardim, Bob ouviu gritos. Correu a casa. A mãe, desmaiada, era levada em braços pelas criadas; o pai aconchegou-o ao peito e beijou-o, a soluçar. No dia seguinte, trouxeram muitas flores, veio muita gente, pararam muitos automóveis à porta. Bob, fechado numa sala do rés-do-chão do palácio, olhava a rua por detrás das persianas, mas não compreendia o que se estava passando. Decorrido algum tempo, como êle insistisse, deixaram-no entrar no quarto da irmã. Não a viu, e começou a chorar. O pequeno leito estava desarmado, as janelas abertas, e sôbre um genuflexório, trazido da capela para ali, havia um livro de orações e um ramo de rosas.

— Onde está a Dy? — perguntou Bob, quando os soluços o deixaram falar.

— Está no paraíso, meu filho.

— E onde é o paraíso?

A mãe beijou-o, afastou-o brandamente, ajoelhou-se no genuflexório, rezando, e não lhe respondeu.

*

Daí por diante, Bob teve uma idea fixa: ir ver a irmã onde ela estivesse. Mas onde estaria ela? Onde seria o paraíso? Talvez muito perto; talvez muito longe. Porque não lhe teria respondido a mãe? Uma noite, à hora de jantar, na esperança de que o pai lhe dissesse onde estava a irmãzinha, sentou-se-lhe nos joelhos e perguntou-lhe, ao ouvido:

— Onde é o paraíso?

— Para que queres tu saber?

— Quero ir ver a Dy...

O pai olhou Bob, com os olhos embaciados de lágrimas, beijou-o, levantou-se da mesa, à pressa, e não jantou. Bob cada vez compreendia menos. Se o pai também tinha saudades, porque não mandava buscar a Dy? O que seria o paraíso? Um grande jardim cheio de rosas? Uma confeitaria? Uma loja de brinquedos? Se ela, ao menos, estivesse contente, a sua pobre irmãzinha, tão pequena que cabia tôda num beijo dêle, tão risonha

que levara comsigo a alegria daquela casa! Como havia êle de saber, se ninguém queria responder-lhe? Um domingo, de manhã, já começavam a florir as amendoeiras do pomar, viu entrar o velho capelão, que vinha dizer missa na capela do palácio. Bob lembrou-se de que o tinha visto no dia em que levaram Dy, e, agarrando-se-lhe às pernas, quási a chorar, perguntou-lhe:

— Porque é que o papá e a mamã não me querem dizer onde é o paraíso?

— Talvez não saibam, meu filho.

— E tu sabes?

— Com franqueza, também não...

*

Entretanto, o primo engenheiro pedia a mão de Ninon. Marcou-se o casamento para o verão. Noivos e primos, os dois namorados revoavam à tarde, alegres como pássaros, cantando pela quinta. Estávamos em fevereiro. Adivinhava-se já, na atmosfera lumi-

nosa, o primeiro estremecimento, a primeira palpitação da primavera. Na graça vergiliana do pomar, as amendoeiras, floridas de branco e de côr de rosa, prenunciavam as núpcias daquele par feliz. Uma tarde, já cançados de passear, sentaram-os dois — Ninon e o noivo — à sombra da amendoeira mais carregada de flor, num banco de pedra que êles preferiam (são assim os namorados!) porque não se via tanto do lado do palácio. Escondidos de olhares indiscretos, dir-se-ia que o seu amor repousava nas próprias mãos de Deus. Ninon encostou a cabeça no ombro do primo; o primo pousou os lábios nos lábios de Ninon; — e nisto, precisamente quando o primeiro beijo cantava naquelas bôcas palpitantes de juventude, Bob, como por encanto, apareceu na frente dos noivos:

— Olá!

Passado o primeiro momento de embaraço, Ninon zangou-se. Suspeitou de que o irmão a espreitava e ameaçou-o de se queixar à mãe. Mas o noivo, mais prático, sorriu, passou-lhe a mão pelos cabelos loiros, e disse, acariciando-o:

— Bob é bom rapaz. Se êle se calar, dou-lhe dinheiro para comprar um cavalo.

— Não quero cavalos.

— Então, dou-te dinheiro para comprar um automóvel.

— Não quero automóvel.

— Então, que queres tu?

Bob pôs-se muito sério, os olhos embaciaram-se-lhe de lágrimas, e murmurou:

— Quero que me digas onde é o paraíso.

O engenheiro olhou Ninon com ternura, sentiu nos lábios o perfume do beijo que tinham trocado, cingiu-a amorosamente, e disse ao pequeno:

— Pois tu não sabes onde é o paraíso, Bob?

— Não.

— É aqui...

*

Daí a pouco, os dois noivos tomaram o partido de continuar o seu passeio, porque Bob, pasmado, de olhos muito abertos, não se afastava dali. Quem havia de dizer — pensava êle — que o paraíso, afinal, era tão

perto, naquele banco de pedra, debaixo daquela árvore em flor! E emquanto, batidas pela aragem da tarde, as flores da amendoeira começavam, tristemente, a cair, Ninon e o noivo afastaram-se, enlaçados, na luz doirada do poente...

Já de noite, a família reuniu-se, como de costume, para o jantar. Procurou-se Bob por tôda a parte, e Bob não aparecia. Correu-se todo o palácio. Os pais já estavam cheios de cuidado, quando Ninon se lembrou de que tinha visto Bob no jardim, ao pé do grande banco de pedra. Foi o próprio pai buscá-lo, com o criado de mesa. O luar estava tão claro e tão resplandecente, que não precisaram de levar lanternas. Ao pé do banco, viram um pequeno vulto imóvel, encolhido com frio. Chamaram-no. Era Bob. Caíam sôbre êle, como uma chuva fina de prata, o luar e as flores da amendoeira...

— Que está o menino a fazer no jardim, a estas horas? — gritou-lhe o pai.

E Bob respondeu, transido, numa voz trémula e chorosa:

— Estou à espera da Dy...

AS TRÊS CAVALGADAS

AS TRÊS CAVALGADAS

O grande Miguel Cervantes, morto há trezentos e quatorze anos, encontrava-se no Inferno, à sombra duma árvore dos Campos Elíseos, sofrendo já da neurastenia da imortalidade, mas com excelente aspecto e com o fêsto de rendas tão engomado como na hora em que Jauregui o retratou, — quando o Diabo lhe bateu delicadamente no ombro:

— Bom dia, amigo!

— Bom dia.

— Não foste tu que escreveste a vida do engenhoso fidalgo da Mancha?

— Fui.

— Vem comigo. Quero mostrar-te um espectáculo maravilhoso.

— Que espectáculo?

— As três cavalgadas. Se não tivesses escrito já o *Dom Quixote,* escrevia-lo agora.

O glorioso mutilado de Lepanto ergueu-se, enfiou a espada no talabarte, traçou a grande capa negra, e, com a graça e a nobreza duma figura de Pantoja de la Cruz, perguntou, encarando o Diabo amável, risonho, elegante, cornicabro, irónico, que viera despertá-lo do seu silêncio de estátua:

— E onde é isso, amigo?

Era ali perto — esclareceu o Diabo, acendendo o cigarro na ponta coruscante de um dos chavelhos — a caminho do Tártaro, a dez minutos apenas em automóvel, num vasto areal das margens do rio Estígio, onde iriam passar, em tropel vertiginoso, com as suas cotas de batalha, as suas lanças lampejantes, os seus paquifes heráldicos, todos os cavaleiros medievais que em vida se tinham batido por Deus, pela pátria ou ou por uma mulher. O velho Criador, apreensivo com os ataques todos os dias vibrados ao seu poder por alguns filósofos demasiadamente audaciosos, resolvera mobilizar os

antigos heróis das Cruzadas, dos torneios reais, dos combates judiciários e da cavalaria andante, e reforçar com êles as suas guardas celestes. Quando as trombetas do Juízo Final atroassem os ares, as três cavalgadas passariam, refulgentes, a galope no areal interminável; e o homem que, nas páginas do *Engenioso Hidalgo,* soubera rir-se da imortal cavalaria, teria o prazer de ver desfilar na sua frente, sôbre os cavalos enormes e cobertos de ferro, todos os gloriosos antepassados do seu Dom Quixote. O Diabo sorriu, viu as horas, e, caprino como uma divindade silvestre, moderno como um cartaz de Knight Kauffer, exclamou, expelindo pelas narinas uma baforada de fumo azul:

— Não é verdade, amigo, que vai ser um espectáculo surpreendente?

— Mas — ousou Cervantes — daqui ao Estígio ainda é longe...

— Tenho ali o meu *Rolls Royce.* São dez minutos. As estradas do Inferno estão muito boas...

— Vamos lá.

Daí a pouco, o automóvel partia, numa scintilação rápida de metais, com Cervantes dentro e o Diabo ao volante.

*

Com efeito, dez minutos depois, o carro que conduzia a desdenhosa imortalidade de Miguel de Cervantes Saavedra parava junto às margens do Estígio, num ponto donde se descobria, até perder de vista, o vasto areal fulvo e ardente por onde ia desfilar, como num imenso hipódromo, a nova cavalaria divina. Á luz avermelhada que descia do céu — formidável cúpula de cobre em brasa — espelhavam, como uma superfície brilhante de hulha, as águas negras e imóveis do rio, que mais parecia um pântano; coaxavam, no silêncio da tarde sêca e metálica, as rãs da comédia de Aristophanes; a expressão duma desolação profunda dominava tôda aquela árida paisagem infernal, que se

diria iluminada pelo clarão de um incêndio longínquo.

— É aqui, — disse o Diabo, saltando do seu opulento *Rolls Royce*.

O autor de *Dom Quixote* desceu também. Projectaram-se no areal duas sombras disformes: uma, esguia, longa — a de Cervantes — a que a espada, levantando-lhe atrás a fímbria da capa, dava o aspecto insolente de um rabo de galo; a outra — a do Diabo — pequena, angulosa, cornifronte, pedicaprina, saltitante, como a sombra dum fauno que marchasse dançando. Caminharam ambos, a pé, ao encontro de uns afloramentos de rocha irruptos na confluência do Estígio e do Cocito, e sentaram-se, aguardando o espectáculo admirável que o velho Deus lhes ofereceria.

— Mas — disse o soldado de Lepanto — por que razão não preferirá Deus um exército de aviões? A cavalaria já estava quási morta no meu tempo...

— É um velho conservador, inimigo de todo o progresso. Êle ainda não tem um automóvel, quando até o Papa já tem dois!

Nisto, um clangor de trombetas distantes vibrou no ar. As rãs calaram-se. Daí a pouco, para as bandas do Tártaro, na planície imensa, viu-se, ao longe, uma ténue poeira chispando, refulgindo, avançando vertiginosamente. Era a primeira cavalgada. Eram os cavaleiros que se tinham batido por Deus. A nuvem, já mais espessa, crescia, rolava, alteava-se, encrespava-se como uma vaga, despedia scentelhas de aço, irizava-se em lampejos de côres; um momento mais, e já se percebia o tropel confuso, já se adivinhavam formas, já se viam as testeiras e os peitorais de ferro dos cavalos, os capelos e os bacinetes ponteagudos dos cavaleiros; por fim, como as figuras dum grande vitral gótico em que o sol de súbito batesse, a testa da cavalgada surgiu, faiscante de cruzes, de lanças, de pálios abertos, colorida de pendões, de gonfalões, de bandeiras, de sôbre-cotas heráldicas, tilintando estribos, retinindo armas, chispando ferraduras, dando a impressão pagã de um esquadrão de centauros de bronze a galopar numa labareda. Quando a cavalgada passou ao alcance da

vista de Cervantes, distinguiam-se, apontavam-se as figuras conhecidas. Eram os místicos ferozes das três Cruzadas, que, pesados de cotas-de-armas, montados sôbre enormes cavalos normandos, os olhos no céu, Jerusalém na alma — *Dieu le veut! Dieu le veut!* — atravessaram os desertos da Ásia adusta, rezando e matando; era Godofredo de Bulhão, ruivo, gigantesco, um ganso de prata bordado na sôbre-cota vermelha; era S. Luís, rei de França, pálido, extático, a auriflama ao vento; era Hugo, o *Grande;* Pedro Bartolomeu, julgando transportar, como um tesouro, a lança que trespassou Jesus; era Ricardo Coração-de-Leão; Bonifácio, marquês de Monferrant, abraçado a um evangeliário bizantino; Frederico Barbarôxa, enorme, taciturno, a coroa de ferro dos Hohenstaufen enterrada na cabeça; Guido de Lusignan e Gódofredo de Santo Omer, envoltos no manto branco dos Templários; era o grande Tiago de Maillé, que, mutilado, atravessado de dezenas de golpes, orava e sorria; era Raimundo de Antióquia, o Hércules cristão, uma pele de fera atada em

volta dos rins; Urbano II, debaixo de pálio; Pedro, o *Eremita,* na sua mula branca; eram todos os delirantes do Santo Sepulcro, todos os iluminados do Santo Graal, todos os loucos do incêndio de Constantinopla, cobertos de sangue, sedentos de massacre, mitrados de ferro como os guerreiros da tapeçaria de Bayeux, caminhando numa floresta de lanças, de cruzes, de báculos, de pendões. Todos êles passaram, no estrépito furioso duma corrida de bárbaros, não como se Deus os chamasse para a sua milícia celeste, mas como se fossem de novo libertar Jerusalém, espalhar o terror e a devastação sob as patas dos seus cavalos, morrer em êxtase aos pés da sepultura de Cristo. Uma nuvem de corvos seguia-os, crocitando. A poeira levantava-se, no céu vermelho, como o fumo duma floresta que ardesse. Quando já iam longe, Cervantes, comovido, deslumbrado, olhou o companheiro. O Diabo ria, convulsivamente.

— De que te ris tu, amigo?

— Ilusão! Ilusão!

— Ilusão, porquê?

— Viste êstes desvairados? Todos êles

mataram e morreram por um Deus diferente dos outros. E Deus, afinal, é um só!

Mas as trombetas de novo estrugiram os ares, e a segunda cavalgada — a dos cavaleiros que se tinham batido pela pátria — avançava já, refulgente, vertiginosa, formidável. Se a primeira fôra uma rajada de heróis em delírio, esta agora tinha a grandeza, a magnificência, o esplendor ofuscante dos préstitos reais. No meio de rôlos de poeira — a gloriosa poeira, auréola dos cavaleiros batalhantes! — faiscavam as coroas, as tiaras, os sceptros imperiais, as pesadas armaduras, os timbres dos elmos nobiliárquicos, as opulentas dalmáticas de Chipre e de Bizâncio recamadas de ouro; distinguiam-se já as figuras venerandas, tão nossas conhecidas das pinturas medievais e das estátuas tumulares — reis, papas, santos, imperadores, bispos, condestáveis, senescais — erguendo nas mãos as espadas lampejantes, os báculos, as cruzes, as fachas-de-armas; dir-se-ia que, para maior glória dessa parada equestre, se tinham despovoado de imagens os pórticos das catedrais, as galerias dos reis, as criptas

dos mosteiros, as iluminuras da «Legenda Dourada», os mosaicos das iconostases bizantinas, e que todo êsse tropel de figuras arcaicas, solenes, coloridas, hieráticas, faùlhantes de metais, passava no areal imenso, vertiginosamente, como uma cavalgada de cinema. Entre Othão I da Alemanha e S. Vladimiro da Rússia, galopava Carlos Magno, com a sua barba florida, o mundo a resplandecer-lhe na palma da mão; viam-se bem, à frente, o corpulento Guilherme, o *Conquistador,* com o seu casco ponteagudo e o seu lorigão comprido de malha de ferro, e o gigantesco Edmundo II, rei dos saxões, «o das costelas de bronze», sufocado numa pesada armadura negra; mais atrás, Afonso I de Aragão, o *Batalhador;* Eduardo I de Inglaterra, o companheiro de armas de S. Luís, rei de França; Filipe Augusto, olhos no céu, cabelos ao vento, o perponte azul semeado de flores-de-lis de ouro; o bispo de Senlis, alma da batalha de Bouvines; o grande Cid — Rui Dias de Bivar — a lança erguida, um brial vermelho de ciclatão vestindo-o até aos pés; e, no meio do tropel, na confusão de

tantos cavaleiros irreconhecíveis, Joana d'Arc, conduzindo a auriflama de S. Diníz; o hercúleo Du Guesclin; Nun'Alvares, condestável de Portugal, pequeno de corpo, a barba loura, os olhos azuis como os de Galaaz, um loudel bordado de rosas vestido sôbre as armas; o grande Bayard, «*chevalier sans peur et sans reproche*»; os *condottieri* italianos — Giacomuzzo Sforza, Matteo de Visconti, Piccinino, Braccio de Montona — olhos ardentes, peles trigueiras, Deus na bôca, uma serpente no coração; Carlos V, melancólico, vestido de luto, sonhando com o Escorial e com as suas próprias exéquias; Sebastião de Portugal, o último rei cavaleiro, heróico e virgem, a coroa de imperador de Marrocos a resplandecer-lhe na cabeça, um lírio de prata erguido na mão; — tôda a multidão, emfim, dos cavaleiros que fizeram e sonharam impérios, que destruiram e ergueram tronos, que talharam com a sua espada o destino das nações, que molharam as mãos em sangue para escrever as páginas da história, e que, na ostentação das suas armas, no vigor dos seus cavalos bardados de ferro,

no ímpeto do seu galope triunfal, pareciam marchar mais uma vez para a glória.

— Que dizes agora, amigo? — perguntou Cervantes, fremente de entusiasmo, ao seu desdenhoso companheiro.

E o Diabo, rindo às gargalhadas, o monóculo na órbita, um cigarro entre os dedos, exclamou, mais uma vez:

— Ilusão! Ilusão!

— Mas, porque chamas tu ilusão a êste espectáculo sublime?

— Todos êstes loucos mataram e morreram para criar uma pátria melhor do que as outras. E afinal — ingénuos! — há uma pátria só, que é o mundo inteiro!

Cervantes ia responder que dera um braço pela Espanha, — quando as trombetas clangoraram pela terceira vez. A terceira cavalgada vinha já avançando na árida planície. Não dava, como as outras, a impressão de uma vanguarda de batalha que caminhava para o inimigo; mas a de um solene torneio, quando, à voz dos arautos e dos reis-de-armas, os dois partidos, floridos de flâmulas, de gofainos, de paquifes multicôres, entra-

vam, em parada, na arena. Como nas miniaturas dos *Torneios do Rei Renato* ou do *Castelão de Coucy*, longas gualdrapas e caparazões armoriados recobriam as ancas dos cavalos; e os cavaleiros, nas lanças e sôbre o timbre dos bacinetes refulgentes, traziam laços de fita, flores de cerejeira, jóias, véus de dama, e os ramos de loureiro que queriam dizer «fidelidade». Era a cavalgada dos campeões, dos cavaleiros-andantes, dos místicos do «terceiro amor», dos heróis das justas e dos torneios, dos que se bateram — idealistas apaixonados! — pela mulher bela, pura, fraca e indefesa. Á medida que avançavam, Cervantes — que tanto dêles se rira! — ia reconhecendo alguns: aqui, o louro e belo Ingelgérito, conde de Anjou, adolescente de dezasseis anos, que se batera pela nobre condessa de Gastinois; além, Renato de Montauban, defensor da formosa Genoveva da Escóssia; agora, o jovem Galeazzo de Mântua, olhos ardentes como os do *condottiere* de Antonello de Messina, feito cavaleiro-andante por amor da rainha Joana de Nápoles; logo, o senhor de Mendozza, luminoso de es-

maltes e de metais heráldicos, que em justa real defendera a honra da bela duqueza de Saboia; e os outros, e todos, Godofredo Plantageneta, «grande como as montanhas», paladino formidável da virgindade ofendida; o português Magriço, um dos «doze de Inglaterra», que se bateram como leões pela honra de doze damas inglesas; o hercúleo e ruivo Buridan, que gritava como louco na batalha de Bouvines: «*que chacun se souvienne de sa belle!*»; os sonhadores exaltados, os imitadores eternos dos heróis dos *Niebelungen,* dos paladinos das novelas do ciclo bretão, dos cavaleiros virginais das «sagas» escandinavas, que até à morte guardavam na alma uma imagem de mulher e no leito o aço duma espada nua. Quando todos êles passaram — os homens fortes dos torneios e dos *champs de drap d'or,* belos e jovens, brutais e sublimes, envolvidos no clarão da tarde como numa auréola de sonho — o Diabo riu ainda, riu estrondosamente, num riso grosseiro que fazia lembrar o dos velhos sátiros quando perseguiam ao sol, pelos bosques, as dríades surpreendidas no banho:

— Ilusão! Ilusão!

— Mas porque te ris tu?

— Todos êstes heróis mataram e morreram a exaltar a glória do amor e a defender a fraqueza e a pureza das mulheres. E afinal, amigo, o amor, como êles o sonharam, nunca existiu na terra, e as mulheres são mais fortes e menos puras do que nós!

Caía a noite. Voltaram a coaxar as rãs na água negra do Estígio. Já a última cavalgada ia desaparecendo, ao longe, como uma pequena névoa azul, — e o Diabo ainda ria.

*

Os dois companheiros retomaram o automóvel que os trouxera. Já ao volante, o Diabo, caprino, anguloso, feito da sobreposição de massas geométricas, como as figuras dos pintores cubistas, perguntou a Cervantes, que, de mão na espada, a cabeça orgulhosamente erguida sôbre o mantéu branco, entrara para o carro:

— Pois não achas, amigo, que eu tenho razão?

— Se eu pudesse — respondeu o glorioso novelista — mandava queimar o meu *Dom Quixote*.

— Porquê?

— Porque, destas deslumbrantes mentiras de que tu te riste e de que eu me ri, é que tem vivido e viverá a humanidade inteira. As três cavalgadas, que nós vimos passar aqui, são a expressão imortal de três ideais eternos. Ai daquele que lhes tocar, porque despedaçará o mundo!

— Enganas-te, amigo. É certo que a humanidade precisa de ilusões para viver; mas não pode viver, há tantos milhares de anos, das mesmas ilusões. Eu não quero mal ao género humano, ao contrário do que têm afirmado alguns teólogos, na intenção de me indispôr com as pessoas de bem. Quero a felicidade dos homens sôbre a terra; e, por isso, entendo que é preciso demolir as ilusões velhas e criar ilusões novas, porque as velhas, amigo, já não iludem ninguém. Tens receio de que o mundo se despedace? Não tenhas,

Com três mentiras novas, eu faço um mundo novo!

— Mas poderás tu criar três mentiras tão belas como estas?

O Diabo calou-se, as rãs coaxaram e o automóvel partiu.

ÍNDICE

ÍNDICE

	Pág.
O julgameuto de Eva	5
Um beijo	25
Os três espelhos	47
Se há filhos, não !	63
A obra do doutor Reimondes	87
Diário de viagem do meu amigo Fred	103
A mulher perfeita	125
A mãe verde	141
O gentleman que matou a mulher	157
História duma porta aberta	175
Onde é o paraíso?	189
As três cavalgadas	201

PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
LISBOA

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000016423 97